

ESCOLA DE GUERRA NAVAL

CF PABLO DI LORENZO OLIVEIRA MOULIN

GUERRA DE TROIA:
uma análise atemporal sobre intuição e racionalidade nos processos decisórios

Rio de Janeiro

2021

CF PABLO DI LORENZO OLIVEIRA MOULIN

GUERRA DE TROIA:
uma análise atemporal sobre a intuição e racionalidade nos processos decisórios

Dissertação apresentada à Escola de Guerra Naval, como requisito parcial para a conclusão do Curso de Estado-Maior para Oficiais Superiores.

Orientador: CF (FN) Rafael Pires Ferreira

Rio de Janeiro
Escola de Guerra Naval

2021

AGRADECIMENTOS

No caminho da realização deste trabalho, encontro uma primeira oportunidade de revelar o agradecer, de maneira liberta, desofuscada e espiritual. Apesar do agradecimento ser de foro íntimo e não se ver, o manifestarei em palavras.

Sendo assim, agradeço de maneira lúcida e à vontade:

A Deus, que receba esse singelo presente como forma de materializar meu agradecimento, um símbolo de contínua aliança.

Aos meus pais Osmar e Glaucia Moulin, tão virtuosos que só Deus remirá alcançar o indizível que perpassa a mais generosa compreensão. São moínhos seguros que ventilam sabedoria, bondade, justiça, confiança e caráter, todo o tempo em toda e qualquer direção. Sempre impulsionaram minhas velas. E até aqui, sempre acreditaram em mim. Sem palavras.

À vovó Irany, ao tio César e aos meus irmãos Lorenzo e Rodger Moulin, minha admiração pela motivação, capacidade de superação e resiliência.

Aos iluminados e saudosos moradores do céu: bisavô Esmeraldo, bisavó Cândida, vovôs Antílio e João, vovó Ezi, tio Cecy e a amiga Ana Lúcia Neves.

Às minhas filhas Vallentini e Antonella Moulin, por me traduzirem em sentimentos os significados do porquê, da perpetuidade e da ciclicidade da vida.

À Dra. Fabiéle Aparecida da Silva, mesmo à distância, pelas suas zelosas observações e sugestões, desde o rascunhar da inspiração intelectual.

Ao meu orientador CF (FN) Rafael Pires Ferreira pelas amistosias, seguras e precisas recomendações que primaram o desenvolver e o desfecho do meu trabalho.

Ao CMG (RM1) Cláudio Marin Rodrigues pelas valiosas iluminações e a permanente disposição em contribuir.

Ao amigo CF Tarick Turidu da Silva Nunes Taets pelo inestimável auxílio e

grande generosidade em oportunos momentos.

Aos amigos “mestres” que em momentos difíceis me ladearam de maneira singular, desinteressada e com maestria. Cada qual em uma época distinta de saudável e saudosa convivência: Dr. Ederson Alécio Marcos Tenório, CT Wesley Almeida Fornaciari (*in memoriam*) e Dr. Ricardo Coelho Miranda.

Por dever de justiça e reconhecimento agradeço à acolhedora Marinha do Brasil, parte intrínseca da maior parte da minha adulta história, um misto de sonhos, mitos e realizações. Proporcionou-me inúmeras oportunidades profissionais e culturais, muitos momentos inenarráveis e conhecer pessoas maravilhosas e especiais ao longo das minhas comissões. Como se já não bastasse, concedeu-me também esse honroso e feliz momento de engrandecimento intelectual na Escola de Guerra Naval e poder exaltar, aqui, os Grandes.

“Se quer prever o futuro, estude o passado”. (Confúcio)

“A pessoa não instruída percebe apenas o fenômeno individual, a pessoa parcialmente educada, a regra, a pessoa educada, a exceção.” (Franz Grillparzer)

RESUMO

A partir do estudo aprofundado sobre a Guerra de Troia com base em fontes primárias, consoante com os conceitos de intuição e racionalidade correlacionados à dinâmica dos processos decisórios, nosso desafio foi separar as decisões racionais das outras orientadas pela intuição. Para cumprir tal objetivo, buscamos filtrar essências humanas da forte perspectiva mitológica imposta por poetas apegados à religiosidade pagã em um ambiente conflituoso, bem como unificar narrativas não comprovadas com teorias e realidades históricas. Procuramos conectar o passado em versos de poemas cantados à contemporaneidade como também traduzir a juntada de inúmeros eventos e informações complexas e abstratas em uma explicação mais inteligível e simples. Mergulhamos na exploração do minério de ideias escondidas em milenares histórias em um misto de guerras e dramas humanos e, por conseguinte, os fundir em ferramentas úteis de reflexão e instrução. Dada a complexidade do assunto, optamos por restringir a investigação da pesquisa às decisões proferidas pelas lideranças gregas e troianas que se iniciaram desde a última tentativa pacífica de relacionamento diplomático entre a cidade-estado Esparta até o holocausto da cidade de Troia. Para mapearmos a compreensão, elaboramos um desenho de pesquisa triangular envolvendo estudos de casos: relacionar de maneira lógica a mitologia da história antiga à teoria e à realidade. Da apuração da anatomia das análises, será possível afirmar que a aproximação da racionalidade consoa com uma maior e melhor solução na tomada de decisão, porém uma decisão pode ter como um extremo, ser uma última e final deliberação baseada em valores – inclusive veremos – como o autossacrifício. Concluiremos que os erros intuitivos examinados os quais interferiram em processos de julgamento são atemporais e cíclicos. Alguns desses indícios são responsáveis para a ocorrência de sucessos, ora ligadas à sorte, ora à sua capacidade de replicação de influência em outras pessoas para o bem – motivação – ou para o mal – medo –. Outros, entretanto, são prejudiciais, pois são notadamente responsáveis por equívocos decisórios, fracassos, tragédias e guerras. Em outra perspectiva, observaremos que ora se apegam exclusivamente ao “eu”, ora falham em desconsiderar a importância dos seus semelhantes ou de seus – bem-aventurados – assessoramentos. De outro ângulo, tropeçam também em não – querer – enxergar óbvias evidências disponíveis no ambiente. Como resultado, as elucidações atemporais extraídas da aglutinação entre teorias contemporâneas correlatas a processos decisórios, epopéias milenares e pontuadas conexões históricas, concorrerão para atender uma dinâmica necessidade instrutiva e de autoproteção da Marinha do Brasil, face aos imprevisíveis e hodiernos desafios – endógenos e exógenos – que perpassam – todos – por tomada decisória, inclusive, em situações em que se encontram veladas armadilhas mentais ou condições de incertezas no ambiente.

Palavras-chave: Guerra de Troia. Heurísticas. Intuição. Processo decisório. Racionalidade. Vieses.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

1GM -	Primeira Guerra Mundial
2GM -	Segunda Guerra Mundial
CIA -	<i>Central Intelligence Agency</i>
EUA -	Estados Unidos da América
ex-URSS -	ex-União das Repúblicas Socialistas Soviéticas

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	8
2	PRESSUPOSTOS TEÓRICOS	11
2.1	Racionalidade	11
2.2	Heurísticas de julgamento	12
2.3	Vieses de intuição	14
3	SUMO HISTÓRICO NARRATIVO	19
3.1	Há algo mais valioso do que a guerra	19
3.2	Preparativos para a invasão de Troia.....	20
3.3	Secundarização das consequências.....	21
3.4	Regressão à realidade.....	21
3.5	Miragem de Aquiles	22
3.6	Nada mais importa	22
3.7	Empatia com o inimigo	23
3.8	Uma nova última oportunidade	24
3.9	Estratagem ou presente? Conflito entre a racionalidade e a intuição.....	24
3.10	Invencível, quase	26
4	APROXIMAÇÕES DA RACIONALIDADE	27
4.1	Coligação comercial entre cidades-estado gregas.....	27
4.2	Preocupações para o assalto anfíbio em Troia.....	28
4.3	Provizimentos logísticos em ambiente estrangeiro.....	29
4.4	Primeira identificação, iniciativa decisória	30
4.5	Aliança entre valor e a razão.....	31
4.6	Montagem de um ardiloso cenário teatral.....	32
5	APROXIMAÇÕES DA INTUIÇÃO	34
5.1	Um otimismo refém da incerteza	34
5.2	Um por todos, todos por um.....	35
5.3	Herança cultural pagã?	36
5.4	Uma culpada estigmatizada	38
5.5	Assimetria do coração.....	39
5.6	Da arrogância ao juízo	40
5.7	Um viés dicotômico: ora desejável, ora indesejável	41
5.8	Achei que fosse	42
5.9	Uma arma psicológica enviesante.....	43
5.10	Quando o tempo compensa o risco	45
5.11	Empatia com o inimigo	46
5.12	Uma nova oportunidade de paz	46
5.13	Um sinal de fumaça ignorado	47
5.14	A última comissão de Aquiles.....	49
6	CONCLUSÃO	51
	REFERÊNCIAS	53

1 INTRODUÇÃO

A Guerra de Troia foi um conflito ocorrido entre as cidades-estados da Grécia e de Troia no período pré-literário¹ entre os séculos 13 a. C. a 12 a. C. Foi escolhida como nosso objeto de pesquisa já que selecionar uma guerra posterior a essa seria como pegar o meio da corda da linha do tempo. Essa contenda seria a ponta dessa linha, uma “origem”, uma fonte de informações de um distante passado, um conjunto de decisões atemporais² a serem exploradas que podem ser objeto de análise anatômica de decisões. A partir dessa premissa, buscaremos encontrar ciclicidade de elementos que evidenciem a abordagem baseada na racionalidade ou na intuição (afastamento da racionalidade) contidos nos processos decisórios dessa disputa que se conectam a eventos posteriores, inclusive contemporâneos. A moldura temporal da pesquisa será limitada ao período compreendido a partir da última reunião diplomática entre os envolvidos até a capitulação troiana pelos gregos.³ Em que pese a existência da roupagem mitológica,⁴ as principais fontes históricas exploradas foram as obras épicas *Iliada*⁵ e *Eneida*⁶.

Quanto à abordagem militar naval, teria ocorrido uma das mais antigas Operações

¹ Fase anterior ao surgimento da escrita. Os gregos adotariam o alfabeto fenício somente no século VIII a. C. Até esse momento as histórias eram passadas oralmente por gerações (HOMERO. *Odisseia*, p. 21).

² Situação cíclica que independe da cultura, raça e localização no espaço e tempo. Seria relacionado à essência da natureza humana. Logo, veremos que a atemporalidade é um espelho de correlações (às vezes de sucesso, ora de fracasso) que perpetuam gerações de pessoas, atores que se posicionarão em escolhas de diversas naturezas, comuns ou complexas. Assim, o entendimento ajuizado da intuição e da racionalidade não deve ser ignorado, ou melhor, essa compreensão – veremos – poderá se transformar em um poder acessível mediante a capacitação individual por antever situações.

³ Ao nos referirmos aos gregos, os consideraremos como uma coalizão das independentes e autônomas cidades-estados da antiga Grécia, lideradas pela cidade-estado de Micenas, localizada na Grécia Continental.

⁴ Embora haja indícios que comprovem algumas histórias, como a própria existência da cidade de Troia, outras ainda carecem de comprovação, ou seja, ainda são mitos ou lendas.

⁵ Elaborada cerca de quatrocentos anos após o conflito por Homero, relata a história a partir do 9º ano de guerra, por meio de versos de um poema e que narra, entre outros eventos, o drama humano. Sua exposição se encerra na realização do funeral do príncipe Heitor, filho do rei de Troia (Priamo). No ano seguinte, a cidade seria tomada e destruída pelos gregos. A outra obra de Homero, *Odisseia*, conta a história a partir do décimo ano seguinte ao epílogo, ou seja, o pós-guerra. Logo, nenhuma dessas duas obras de Homero narram de maneira objetiva esse desfecho trágico troiano, ou seja, não há uma perfeita continuação da história, mas sim um salto temporal.

⁶ A queda de Troia foi relatada com mais detalhes nessa obra de Virgílio, um poeta latino do antigo Império Romano. Ela foi concluída por volta do ano 27 a. C. (mais de 1200 anos após o colapso troiano). Nessa poesia épica há detalhes do plano racional que envolveu o emprego do “cavalo de troia” no conflito, por exemplo, informações essas “negligenciadas” por Homero em suas duas obras, *Iliada* e *Odisseia*.

Anfíbias⁷ registradas da história, uma expedição militar composta por uma grande esquadra naval grega teria abicado⁸ no litoral próximo à região de Troia com milhares de homens com o intuito de resgatar a rainha de Esparta por meio de um esforço de guerra.⁹ A cabeça de praia¹⁰ foi tomada e ali permaneceram até o colapso da cidade.¹¹ Imaginemos a complexidade de gerir pessoas e recursos de um exército em um terreno adverso ao longo desse tempo.¹² De um lado, uma fortaleza inimiga, do outro, praia e água salgada.¹³ Embora a liderança não seja o foco central desta pesquisa,¹⁴ veremos situações a ela correlacionadas por meio de decisores que diretamente influenciaram (para o bem ou para o mal) o evoluir da história pelo estilo de sugerir¹⁵ pessoas, tais como as lideranças transacional¹⁶ (Agamenon)¹⁷ e a transformacional¹⁸ (Aquiles).¹⁹

Por fim, comprovaremos a existência de elementos racionais e intuitivos nos métodos de tomada de decisão empregados pelas lideranças gregas e troianas. Propomos avaliar o impacto de aspectos cognitivos, motivacionais e emocionais nos processos decisórios relevantes das lideranças envolvidas nessa contenda, sua reverberação no ambiente

⁷ Assalto Anfíbio grego (“modalidade mais completa de Operação Anfíbia”), cuja operação naval lançada do mar permitiu o desembarque do exército da coalisão grega em terra hostil troiana. Nessa praia, estabeleceram-se para prosseguir com a obtenção do efeito desejado, o resgate (BRASIL, 2017, p. 3-4).

⁸ Aproximar-se e dar com o bico da embarcação na areia da praia de modo a encostar o fundo do seu casco, ou seja, encalhá-la de maneira proposital (racional).

⁹ Há uma teoria que a longa guerra seria motivada por uma “gigantesca operação de pilhagem”. Por que destruir justamente a cidade que os gregos tinham uma relação de comércio regular? A guerra justifica a ambição de ampliar negócios e a influência grega na região (LÉVÊQUE, 1968 *apud* BRANDÃO, 1986, v. 1, p. 11).

¹⁰ Na Guerra de Troia, área terrestre litorânea troiana conquistada pelos gregos que assegurava a chegada e a saída de recursos por mar (BRASIL, 2017, p. A-5).

¹¹ O conflito teria durado cerca de dez anos (BRANDÃO, 1986, v. 1, p. 111).

¹² O suíço Barão Jomini, General napoleônico (entre os séculos XVIII e XIX), definiu logística como “ação que conduz à preparação e à sustentação das campanhas e à prática de movimento dos exércitos”. (ROBERTO, 2018).

¹³ O mar estéril que cerca contrariados (HOMERO. I, 282).

¹⁴ Liderança no *Stricto Sensu*, interpretação no sentido estrito na palavra.

¹⁵ Qualidade de tornar alguém disposto a aceitar estímulos, cuja influência se reflete em atitudes ou em comportamentos dessa pessoa.

¹⁶ Não seria exatamente uma liderança verdadeira, pois há relação de controle entre o líder e os liderados (DELGADO, 2012, p. 43).

¹⁷ Rei grego da cidade-estado Micenas (a mais influente na época) e irmão mais velho de Menelau (rei da cidade-estado Esparta), foi o comandante da coalizão das cidades-estados gregas contra a cidade de Troia.

¹⁸ Nesse estilo, liderados enxergam valores no líder: querem segui-lo ou copiá-lo (DELGADO, 2012).

¹⁹ Carismático guerreiro grego, habilidoso e temido, era considerado quase como “invencível” em batalha.

da época e sua transcendência no tempo posterior. As falhas observadas servem de subsídios de estudo instrucional.²⁰ Por conseguinte, uma reflexão para evitar que vieses²¹ cíclicos da antiguidade ocorram no âmbito da Marinha do Brasil.²² Esses são os desafios da pesquisa.

Quanto à natureza da pesquisa, essa investigação pode ser classificada como estudo de casos, envolvendo um único objeto central de exploração, a Guerra de Troia. Mergulharemos em profundidade nesse objeto para examiná-lo, oxigenados pela combinação de abstração, reflexão, histórias e teorias documentadas, racionalidade²³ e apoio de recursos humanos.

A investigação diligenciada será manifestada em cinco capítulos. No primeiro, serão explicados conceitos teóricos da psicologia²⁴ que nos darão uma base adequada para entendermos a anatomia da decisão, das aproximações e dos afastamentos da racionalidade.²⁵ No segundo, serão apresentadas uma seleção de narrações relativas a importantes ocorrências históricas que influenciaram o curso da Guerra de Troia. No terceiro, serão conectados o sumo histórico do capítulo 2 correlatos à aproximação da racionalidade e a conectaremos a eventos pertinentes no ornamento temporal, com o apoio de conceitos teóricos. No quarto, seguiremos a mesma essência do capítulo 3, porém evoluída para a ótica da aproximação da intuição, sustentada por pareceres teóricos.²⁶ No quinto, por fim, apresentaremos a conclusão.

²⁰ Tal qual registramos uma preocupação instrucional como resultado deste trabalho, a *Iliada* de Homero, além de ter influenciado a literatura ocidental e representar um “símbolo da unidade e do espírito helênico” (Grécia antiga), também é uma “fonte de ensinamento moral” (HOMERO. *Iliada*, p. 11).

²¹ Termo da psicologia cognitiva que significa tendência ou propensão. São erros sistemáticos que se repetem em circunstâncias particulares de forma previsível (KAHNEMAN, 2011, p. 10).

²² Esta Força Armada só se constrói a longo prazo. Apesar de ser possível obter os equipamentos por esforços políticos, sua profunda complexidade envolve o material humano (WEDIN, 2015, p. 137-138).

²³ Processo de tomada de decisão que nos leva a uma busca de um resultado ideal após uma judiciosa avaliação conjugada entre os valores envolvidos e os riscos dessa decisão (BAZERMAN; MOORE, 2014).

²⁴ Apenas as concepções de heurísticas e vieses necessárias para o trabalho serão abordadas.

²⁵ A compreensão dos fenômenos da racionalidade, heurísticas e vieses nos ajudarão a identificá-los em muitas ocasiões que concorrem a condições – imperativas – de necessidade de prospectar escolhas em toda a nossa vida. Dessa forma, cientes da nossa perspectiva cognitiva da dimensão “mental” situacional, poderemos antever potenciais riscos de erros de julgamento e evitar que escolhas enviesadas degradem nossa – melhor – decisão.

²⁶ Primeira resposta vinda à mente de maneira natural e espontânea, somos tentados a empregá-la mesmo tendo certeza de que está errada. Não é nada além de um reconhecimento (KAHNEMAN, 2011, p. 13-20).

2 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

As obras que darão sustentação ao desenvolvimento da pesquisa são Processo decisório (BAZERMAN; MOORE, 2014)²⁷ e Rápido e devagar: duas formas de pensar (KAHNEMAN, 2011). Ambos os autores abordam a tomada de decisão²⁸ de maneira parcialmente distinta, pois cada um tomou um rumo conceitual de uma “aproximada” bifurcação da “escola de pensamento”.²⁹ Kahneman (2011) focou na ciência da “decisão prescritiva”³⁰, enquanto Bazerman realizou uma visão mais holística,³¹ mirado na “decisão descritiva”³².³³ Abordaremos os conceitos teóricos adequados que servirão de base para análise e compreensão do estudo proposto.

2.1 Racionalidade

Racionalidade não deve ser confundida com inteligência. De maneira geral, agimos de maneira racional e emitimos opiniões contundentes.³⁴ Refere-se ao “processo de tomada de decisão o qual esperamos que leve a um resultado ideal, dada uma avaliação precisa dos valores e preferências de risco do tomador de decisões”.³⁵ Nesse quadro,

²⁷ A citação de Bazerman, para todos os efeitos, corresponderá a união dos coautores Bazerman e Don Moore.

²⁸ Pressupõe alternativas de escolha, algumas podem ser mais interessantes que outras.

²⁹ BAZERMAN; MOORE, 2014, p. 8.

³⁰ Desenvolvido para a tomada ideal da decisão. Por exemplo, permitir utilizar ferramental matemático, lógico para aproximar o decisor da racionalidade (BAZERMAN; MOORE, 2014, p. 8).

³¹ Há uma busca de um entendimento integral dos fenômenos envolvidos.

³² Inclui os “modos interligados” de como é realizada a tomada de decisão (BAZERMAN; MOORE, 2014).

³³ Encontramos algumas diferenças entre as obras, tais como nomenclaturas e tipos de conceitos, quantitativos de heurísticas e vieses, a maneira de conduzir o entendimento e a familiaridade de compreensão. Entretanto, ambas têm personalidade. Elas se assomam e não se excluem, pois ora convergem para uma mesma conclusão, ora trazem novos rumos e conceitos. Por oportuno, não será o foco detalhar as diferenças, apontar novas divergências ou incitações valorativas de algum autor. Ademais, avaliamos ser mais interessante a coexistência de ambos nas análises.

³⁴ KAHNEMAN, 2011, p. 16-65.

³⁵ BAZERMAN; MOORE, 2014, p. 8.

utilizamos nossa parte cerebral consciente, a qual é acionada para solucionar problemas complexos. A tomada de decisão totalmente racional – explícita ou implícita – compreende uma anatomia de fases.³⁶ A racionalidade é um processo mais lento, consciente, esforçado e lógico, mas nem sempre empregamos essa forma lógica, ideal de decidir.³⁷

2.2 Heurísticas de julgamento

Heurísticas são estratégias que reduzem o esforço de tomarmos uma decisão. Mesmo quando estamos dispostos de informações qualitativas e quantitativas insuficientes, esses atalhos mentais são úteis. Essas “regras de bolso” nos permitem examinar esses dados, os simplificar quanto a ponderação de seus respectivos pesos em importância, os processar de maneira rápida e, por conseguinte, tomarmos uma decisão dentre poucas alternativas. Logo, esses “pilotos automáticos”³⁸ agilizam respostas, inclusive, em momentos complexos em nossa rotina diária. Elas direcionam nossas decisões pautadas em subsídios que acumulamos ao longo de nossas vidas. Todavia, tais estratégias podem conter imperfeições e nos induzir a desvios de decisões racionais, como erros graves em situações individuais ou de competição.³⁹ A confiança nelas pode ocasionar vieses previsíveis em suas previsões.⁴⁰ Entre as principais heurísticas existentes, em ordem, destacamos as seguintes em nosso trabalho.

A Heurística da Representatividade é uma estratégia simplificadora que atua em um nível inconsciente. Há uma tendência de confiar na informação representativa para fazer

³⁶ Definição do problema (delineamento integral); identificação de critérios (objetividade segundo preferências do decisor); ponderação de critérios (atribuir valorização); geração de alternativas (possíveis caminhos que alcancem o objetivo), classificação das alternativas (abstração de eventos futuros para avaliar suas possíveis consequências); e, por fim, identificação da solução ideal (escolha) (BAZERMAN; MOORE, 2014, p. 4-5).

³⁷ BAZERMAN; MOORE, 2014, p. 5-6.

³⁸ Uma operação involuntária, inconsciente (KAHNEMAN, 2011, p. 31).

³⁹ BAZERMAN; MOORE, 2014, p. 10.

⁴⁰ KAHNEMAN, 2011, p. 14.

um julgamento exato, ainda que os dados disponíveis não sejam suficientes. Ao concentrarmos exclusivamente na descrição de estereótipos, lidaremos com essa heurística. Em termo, ignoramos as dúvidas em relação à descrição ser ou não verdade.⁴¹ Ela é a responsável pelo cometimento de discriminação racial ou de religiosidade. Em outras palavras, poderemos realizar comportamentos considerados moralmente repreensíveis.⁴²

Quanto à Heurística da Disponibilidade, temos uma tendência em crer que os eventos mais recentes ou mais facilmente lembrados têm uma probabilidade maior de ocorrer do que outros menos recordados. Puxamos da memória associações coerentes, semelhanças compatíveis com o nosso julgamento, o que pode ser proveitoso. Entretanto, essa circunstância promove uma relativa confiança em nosso processo decisório de prognosticar eventos futuros, como se tivéssemos uma capacidade ou virtude de antever repetições.⁴³ Ela é muitas vezes responsável por nos lançarmos em eventos de “tentar a sorte”.⁴⁴

A Heurística do Afeto nos permite simplificar nossas vidas ao criamos um mundo mais ordenado do que a realidade. A dominância de argumentos sobre outros é mais pronunciada quando há emoções envolvidas. Deixamos nossas simpatias e antipatias determinarem nossas convicções acerca do mundo. Assim, a primazia de nossas conclusões não é fechada de modo absoluto. Não somos plenamente imunes à informação e à argumentação sensata, logo nossas crenças toleram mudanças. Quando afetuosos, podemos tomar decisões e realizar julgamentos que priorizam consultas à emoção ao invés da razão.⁴⁵

⁴¹ Para clarificar o que seria um caso de heurística da representatividade, temos como exemplo quando alguém diz que uma pessoa não irá bem academicamente por possuir tatuagens ou que outra teria maior potencial de liderança por um ter queixo mais quadrado (KAHNEMAN, 2011, p. 191-192).

⁴² BAZERMAN; MOORE, 2014, p. 15.

⁴³ Heurística da experiência da vida, bastante útil em nossa rotina. Com frequência a utilizamos para nos ajudar a termos uma (imediate) abstração correta da situação. A mente credita a probabilidade de recorrência de um acontecimento baseado em situações similares em nosso passado. Ela pode ter um efeito anfótero (congrega qualidades opostas). Ora é um valioso procedimento (intuitivo) habitual, ora se torna um “procedimento estimativo de que resulta em erros sistemáticos” (KAHNEMAN, 2011, p. 533).

⁴⁴ BAZERMAN; MOORE, 2014, p. 56.

⁴⁵ KAHNEMAN, 2011, p. 126-177.

2.3 Vieses de intuição

Os vieses são aplicações impróprias de uma heurística e podem ser difíceis de evitar.⁴⁶ São erros sistemáticos que violam a racionalidade, respostas incompletas de interpretação e de avaliação do ambiente. Dessa forma, há um impedimento de termos uma decisão racional e ideal. Diariamente realizamos “prodígios de perícia intuitiva”, como a capacidade de reconhecer com perfeição se alguém está chateado ou nervoso devido a uma leve expressão facial. De imediato, essas mesmas observações podem influenciar inconscientemente nossos pensamentos e sentimentos. Nossas emoções como o medo, a afeição e o ódio explicam a maioria das ocasiões em que as pessoas se desviam da racionalidade.⁴⁷ Esses vieses cognitivos não maculam a inteligência humana. Como na medicina, podemos ter uma dor de dente e ainda assim ser muito saudável durante a maior parte do tempo. Da mesma forma são os nossos julgamentos, há momentos em que cometemos enganos. Com o passar da vida, é comum e em geral justificável, deixarmos-nos orientar por impressões, sentimentos e crenças. Os vieses podem nos cegar a visão do óbvio de maneira inconsciente⁴⁸ ou nos tornar tendenciosos⁴⁹ por causa de “armaduras críticas”⁵⁰ pessoais. Apresentaremos os seguintes vieses nessa pesquisa, em sequência:

Os Vieses Otimistas⁵¹ ocorrem quando alguém superestima a sua própria tranquilidade em relação a um futuro desconhecido.⁵² Antecipamos o risco antes que ele

⁴⁶ Essas distorções não são incomuns, pois muitas das vezes realizamos uma avaliação superficial da situação ao invés de lançarmos mão de uma análise mais prudente, profunda (BAZERMAN; MOORE, 2014, p. 49). KAHNEMAN, 2011.

⁴⁷ BAZERMAN; MOORE, 2014, p. 99.

⁴⁸ Julgamentos subjetivos em crenças baseadas em evidências inadequadas (KAHNEMAN, 2011, p. 12).

⁴⁹ Tendência individual de se lançar a críticas e discussões, um hábito de afrontar quaisquer argumentos de terceiros que venham a desafiar seu entendimento sobre quaisquer assuntos (KAHNEMAN, 2011, p. 13).

⁵⁰ Desdobramento do “viés da superestimativa”, que é tendência comum de pensarmos que somos melhores do que realmente somos dentre uma série de domínios. Essa, por sua vez é decorrente da heurística do “Excesso de Confiança”, considerada a “mãe de todos os vieses”. Seus efeitos são alguns dos mais “potentes, penetrantes e perniciosos de todos os vieses”, uma culpada pelas guerras (BAZERMAN; MOORE, 2014, p. 24-37).

⁵¹ SHAROT *et al.*, 2007 *apud* BAZERMAN; MOORE, 2014, p. 40.

aconteça. Há um sentimento desagradável quando nossas crenças infladas colidem com a realidade. Isso ocorre quando exageramos de maneira consistente nossa capacidade de controle ou de lidar com a sorte. Apegamo-nos a uma esperança situacional e nos expomos a uma auto desilusão.⁵³

No Viés do Raciocínio Egocêntrico, especificamente, há em primeiro lugar a determinação de nossa preferência por um resultado, há um auto interesse. Em seguida, justificamos essa escolha com base no nosso conceito de justiça. Do mesmo modo, mudamos a importância dos atributos de justiça de maneira favorável a essa nossa concepção. Não se trata de nos atermos à injustiça, mas sim fracassarmos em sermos imparciais.^{54,55} A percepção seletiva ocorre no nível do subconsciente e continuamos procurando justificativas para a escolha que fizemos.⁵⁶ Não há surpresa, pois não temos consciência da nossa própria vulnerabilidade a esse tipo de viés. Mesmo pessoas cultas e bem-intencionadas chegam a conclusões enviesadas quando acreditam na própria concepção de justiça, pois creem que os que discordam de suas crenças devem estar “influenciados”.⁵⁷

Na perspectiva do Viés da Ilusão do Controle, acreditamos que podemos ter controle sobre circunstâncias ou eventos incontroláveis^{58,59}, como também o apego a crenças supersticiosas.⁶⁰ Essa propensão ocorre quando buscamos explicar o passado ou prever o futuro focados no papel causal da habilidade sem considerar a sorte como um fator.⁶¹

O Viés de Eventos Ruins (Aversão à Perda) está relacionado a indesejáveis manifestações da negatividade. Na maioria das vezes, as perdas assomam como maiores do que os ganhos quando são sopesadas comparativamente. Logo, a sensação ruim é processada

⁵³ BAZERMAN; MOORE, 2014, p. 40-41.

⁵⁴ MESSICK; SENTIS, 1983 *apud* BAZERMAN; MOORE, 2014, p. 172-173.

⁵⁵ DIEKMANN *et al.*, 1997 *apud* BAZERMAN; MOORE, 2014, p. 172-173.

⁵⁶ BAZERMAN; MOORE, 2014, p. 174.

⁵⁷ PRONIN *et al.*, 2004 *apud* BAZERMAN; MOORE, 2014, p. 175.

⁵⁸ LANGER, 1975 *apud* BAZERMAN; MOORE, 2014, p. 38.

⁵⁹ THOMPSON, 1999 *apud* BAZERMAN; MOORE, 2014, p. 38.

⁶⁰ BAZERMAN; MOORE, 2014, p. 38.

⁶¹ KAHNEMAN, 2011, p. 324.

de maneira mais plena e contundente. Avessos às perdas, defendemos pontos de referência.⁶² Um relacionamento duradouro depende muito mais de evitar o negativo do que de buscar o positivo e uma amizade pode ruir em um único gesto. Há uma significativa assimetria no domínio social. A título de exemplo, os “chefes” que violam essas regras são punidos com quedas de produtividade de seus subordinados. Imposições injustas de perdas podem levar as vítimas a uma posição de retaliação⁶³ e, por conseguinte, os impositores a riscos.⁶⁴

O Viés da Ilusão Positiva é um tipo de otimismo em que a pessoa se “autovaloriza”. Esta atitude o ajuda enfrentar trabalhos complicados e ingerências em “eventos repugnantes”.⁶⁵ Embora haja muitos aspectos positivos dessa tendência, ela pode nos levar a auto creditar uma proporção inapropriada de virtudes, por exemplo, passamos a agir de maneira arrogante ou descuidada.^{66, 67} Esse comportamento é causador de situações conflituosas ou de descontentamento. Esse viés pode ser perigoso. Temporariamente enganados, acreditamos que somos capazes, mas, com o tempo, a realidade nos frustra ao mostrar as evidências. Em suma, era apenas nossa imaginação.⁶⁸

Influenciados pelo Viés oriundo de Efeito de *Priming*,⁶⁹ nossos pensamentos e comportamentos podem ser influenciados por estímulos que não prestamos atenção ou não queremos. Muitos acham um efeito inacreditável ou perturbador, pois ameaça nossa percepção subjetiva da maneira de agir e de autonomia. Um *priming* tenderá a evocar algo compatível. Imagens, gestos, humor, atitudes ou sons podem influenciar todos em um mesmo

⁶² Poderosa força conservadora que restringe mudanças em nosso *status quo* e essa natureza não pode ser infringida. Essa é uma regra básica de justiça. A exploração do poder para impor perdas em nosso ponto de referência é inaceitável e injusta (KAHNEMAN, 2011, p. 382).

⁶³ A existência de percepções disfuncionais de justiça correlacionadas a processos cognitivos cria sentimentos de raiva e ciúme, além de provocar ineficiência. (BAZERMAN; MOORE, 2014, p. 207)

⁶⁴ KAHNEMAN, 2011, p. 374-384.

⁶⁵ TAYLOR; BROWN, 1988 *apud* BAZERMAN; MOORE, 2014, p. 46.

⁶⁶ BAUMEISTER *et al.*, 2003 *apud* BAZERMAN; MOORE, 2014, p. 47.

⁶⁷ ANDERSON *et al.*, 2006 *apud* BAZERMAN; MOORE, 2014, p. 47.

⁶⁸ BRODT, 1990; DUNNING, HEATH; SULLS, 2004; KRAMER, 1994; TYLER; HASTIE, 1991; ROBINS; BEER, 2001, *apud* BAZERMAN; MOORE, 2014, p. 47.

⁶⁹ Conhecido como “efeito ideomotor”, é um fenômeno que influencia uma ação. Incompreendida pela natureza consciente, nossas ações e emoções podem ser primadas por eventos inconscientes e, ao mesmo tempo, coerentes com eles. Não se restringe a palavras e conceitos (KAHNEMAN, 2011, p. 70).

ambiente naquele momento.⁷⁰ Ao fazermos parte de uma equipe armada com componentes experientes de guerra em um conflito, teremos uma provável impressão de força, segurança e combatividade; se estivéssemos em uma posição oposta, uma equipe mal armada e inexperiente, poderíamos ser influenciados por preocupações e tensões que contagiariam “negativamente” nossos pares como um “efeito dominó”.

Contata-se que no Viés da Influência do Estado Emocional Causado por Emoções Específicas, em diferentes culturas, um conjunto de emoções específicas como a felicidade, a raiva e o medo são iguais.⁷¹ Cada uma dessas ativa um conjunto de sentimentos e “tendências de apreciação” que nos prepara para reagir de certa maneira. Um exemplo, o medo ativa nossa percepção a riscos e prepara nossos corpos para fugir.⁷² Já a raiva possui particularidades. Embora ela seja uma emoção negativa, apresenta relativa equivalência à felicidade, tal como a maior confiança, sentimentos de poder mais expressivos e menor sensibilidade ao risco.⁷³

Relacionado ao Viés do Impacto das Diferenças Temporais, nosso comportamento se envolve na escolha de compensações entre benefícios atuais e futuros, sendo que a perda das vantagens ou o ganho de desvantagens possui um limite. Há um conflito entre o eu do “querer” no presente, um ganho maior, e o eu do “dever” focado no futuro, quando haverá perdas.⁷⁴ Essa situação psicológica resulta em preferências que encorpam o momento presente, o qual é mais interessante, motivador e atraente, ao passo que o futuro é incerto – ou pior –. Logo, ficamos dispostos a pagar o preço necessário imediatamente.⁷⁵

O Viés da Ilusão de Foco nos leva ao engano sobre a previsão afetiva ou do estado emocional tanto nosso como de alguém.⁷⁶ Tendemos a realizar julgamentos futuros com base apenas em um subconjunto das informações que dispomos, sobrevalorizamos essas ideias e

⁷⁰ KAHNEMAN, 2011, p. 69-163.

⁷¹ EKMAN, 1992 *apud* BAZERMAN; MOORE, 2014, p. 176.

⁷² LERNER; KELTNER, 2001 *apud* BAZERMAN; MOORE, 2014, p. 176.

⁷³ LERNER; TIEDENS, 2006 *apud* BAZERMAN; MOORE, 2014, p. 176.

⁷⁴ MILKMAN; ROGERS; BAZERMAN, 2007 *apud* BAZERMAN; MOORE, 2014, p. 166.

⁷⁵ BAZERMAN; MOORE, 2014, p. 167.

⁷⁶ KAHNEMAN, 2011, p. 505.

desprezamos os dados despercebidos.⁷⁷ Por exemplo, não há como garantir reciprocidade de favores ou concessões.

O Viés da Cegueira Desatenta⁷⁸ é um tipo de cegueira não intencional a informações óbvias. As pessoas têm uma tendência de não perceber o que não estão procurando, mesmo quando estão com seu olhar direcionado para um objeto.⁷⁹ Tomadores de decisão podem ser levados a ignorar informações disponíveis prontamente no ambiente, assim perdem dados importantes e óbvios que os ajudariam em um melhor processo decisório. Um exemplo comum é quando recebemos um retorno de alguém, o qual afirma que fomos assessorados verbalmente, mas não recordamos de ter escutado tal pessoa pois provavelmente estávamos concentrados em outro assunto ou questão.⁸⁰

Com o Viés do Superposicionamento temos uma tendência a assumirmos um pensamento equivocado que estamos acima dos outros em determinadas dimensões, em especial, em contextos competitivos. Nessa outra forma básica da “mãe de todos os vieses”, somos influenciados a tomar decisões que causam impasses devido ao nosso interesse em competir, por exemplo, em negociações e guerras.⁸¹ Há uma expectativa inflada de que seremos vitoriosos. Fazemos escolhas baseadas em parte na fé de possuímos habilidades exclusivas ou especiais.⁸² Ao deixarmos de investir em compreensão das atitudes e comportamentos de nossos concorrentes em potencial, poderemos vir a pagar um alto preço por tal omissão.⁸³ Sendo assim, apostamos tudo em nossa auto imaginada supremacia.

⁷⁷ SCHKADE; KAHNEMAN, 1998 *apud* BAZERMAN; MOORE, 2014, p. 103.

⁷⁸ Nominado “cegueira induzida pela teoria” por Kahneman (2011), nela tomamos uma suposição, assimilando-a como uma confiável ferramenta mental. Assim, teremos dificuldade de notar suas falhas. Qualquer uma informação incompatível com o enquadramento do modelo aceito terá uma justificativa (automática) para a ignorarmos. Cognitivamente protegida, estaria defeso o benefício da dúvida (KAHNEMAN, 2011, p. 345).

⁷⁹ MACK; ROCK, 1998 *apud* BAZERMAN; MOORE, 2014, p. 99.

⁸⁰ BAZERMAN; MOORE, 2014, p. 99-100.

⁸¹ BAZERMAN; MOORE, 2014, p. 25.

⁸² MOORE; CAIN, 2007; TESSER, 1988 *apud* BAZERMAN; MOORE, 2014, p. 44.

⁸³ MOORE; OESCHE; ZIETSMA, 2007 *apud* BAZERMAN; MOORE, 2014, p. 44-45.

3 SUMO HISTÓRICO NARRATIVO

Neste capítulo, foram selecionados dez relevantes eventos ocorridos na Guerra de Troia, todos postos em sequência cronológica. Consubstanciamos essas escolhas oriundas dos poemas épicos das obras de Homero e de Virgílio em narrativas, para melhor fluidez de um entendimento situacional. Além de agregar conhecimento, a exposição dos resumidos acontecimentos históricos adensados de detalhes permitirá uma melhor percepção de indícios de acertos e falhas nos processos decisórios das lideranças gregas e troianas, tanto nas abordagens racionais quanto intuitivas que serão, posteriormente, objetos de análise.

Por volta do ano de 1870, Heinrich Schliemann⁸⁴ começou a encontrar evidências da “Troia homérica”⁸⁵ na região de Trôade, sudoeste da atual Turquia, ao utilizar a obra de Homero (*Iliada*) como um mapa. Sua localização ímpar, estratégica, adjacente ao Estreito de Dardanelos, fazia dela um importante entreposto comercial da rota marítima que separava a Europa da Ásia. Essa localidade testemunhou outros acontecimentos ao longo da história, tais quais as batalhas de Alexandre “O Grande” em 332 a. C, o fim do Império Romano do Oriente (Constantinopla⁸⁶) pelos “canhões turcos otomanos” em 1.453 d. C e, não menos importante, a Batalha de Galípoli⁸⁷ na IGM (1914-1918), cuja derrota “aliada” fomentou o espírito de independência Turca.⁸⁸ Destarte, recitaremos as importantes narrativas.

3.1 Há algo mais valioso do que a guerra

⁸⁴ Arqueólogo alemão, pai da arqueologia de campo.

⁸⁵ Relativa às características da cidade de Troia descrita nas obras de Homero, *Iliada* e *Odisseia*.

⁸⁶ Essa antiga capital do império romano se localizava onde hoje é a atual capital da Turquia, Istambul.

⁸⁷ Conhecida como Batalha dos Dardanelos (1915-1916), envolveu uma fracassada Operação Anfíbia expedicionária que ocorreu mais de três mil anos após a realizada – e exitosa – invasão grega na região troiana. Os registros dessa batalha ocorrida na Primeira Guerra Mundial (IGM) – principalmente seus erros e falhas – possibilitaram aperfeiçoar níveis de planejamento militar relacionados a esse tipo de operação, inclusive na seara estratégica.

⁸⁸ TROIA..., 2004.

Reunidos em Esparta para estreitamento das relações entre rivais comerciais, o rei da cidade-estado Esparta, Menelau, e o príncipe de Troia, Páris, realizavam acordos diplomáticos. Em uma oportunidade, durante sua estada, Páris “rapta”⁸⁹ a rainha de Esparta, Helena, e a leva embora para dentro das muralhas⁹⁰ da cidade de Troia.⁹¹ Diversas tentativas diplomáticas de reaver a rainha foram frustradas.⁹² Assim, Menelau recorreu ao seu irmão, Agamenon. Diante dessa justificativa de fazer frente aos troianos, Agamenon, incitou as cidades-estados gregas a se coligirem para fazer justiça e dividir recompensas. Dessa forma, atendida a convocação para a guerra, cada cidade-estado forneceu embarcações e homens.⁹³

3.2 Preparativos para a invasão de Troia

Agamenon, intuindo um presságio desfavorável na guerra, resolveu sacrificar uma das próprias filhas, Ifigênia, como uma oferenda⁹⁴ para “salvar” – inclusive – suas naus de riscos de algum infortúnio durante o deslocamento para a cidade de Troia. Como líder do exército grego, lançou-se ao mar Egeu com 1.193 embarcações⁹⁵ em direção a Troia. Ao chegar, o exército grego se instalou próximo à praia, não tão longe da maior fortificação que se tinha conhecimento até então, a famosa muralha de Troia.⁹⁶

⁸⁹ Não foi um sequestro visando recompensa, mas sim com “*animus rem sibi habendi*”, que significa uma vontade de não restituir o “objeto” apossado ao seu legítimo proprietário.

⁹⁰ Havia uma crença de que as muralhas troianas teriam sido construídas por Netuno, deus do mar. Netuno era cultuado pelos antigos povos romanos e possui equivalência a *Poseidon*, deus da mitologia grega. Por conseguinte, nota-se uma certa correlação cultural entre esses povos (VIRGÍLIO. *Eneida*, II, 625).

⁹¹ Haveria duas versões sobre a verdadeira situação quanto a ida da rainha Helena para Troia. Na versão grega, ela teria sido raptada, ao passo que no ponto de vista troiano, ela teria se apaixonado pelo Príncipe Páris e fugido com ele. Entre as duas alternativas, consideramos somente a variante grega para este trabalho, o sequestro (TROIA..., 2004).

⁹² BRANDÃO, 1986, v. 1, p. 108-109.

⁹³ Havia comandantes e exércitos gregos de um extremo a outro, de todas as cidades (HOMERO. *Iliada*, II, 442).

⁹⁴ Atividade em que o ator se desfaz de algum bem material para uma entidade abstrata, a qual, empática ao feito, teria poderes para canalizar favoravelmente o desejo íntimo do ofertador para ser materializado em um futuro (acontecimento). A oferenda seria uma forma de “pagamento pelo serviço”.

⁹⁵ Algumas delas levavam cerca de cinquenta homens (HOMERO. *Iliada*, II, 494-769).

⁹⁶ TROIA..., 2004.

3.3 Secundarização das consequências

Passados nove anos de conflito, sem ter havido um combate decisivo entre gregos e troianos, todas as cidades aliadas e vizinhas a Troia já haviam sido saqueadas. Por conta de uma peste⁹⁷ que assolava o exército, Agamenon teria sido alertado de que o motivo seria a manutenção de uma escrava em especial, sua amante Criseida, filha de um elevado sacerdote,⁹⁸ raptada durante os referidos saques.⁹⁹ O religioso teria blasfemado os gregos.¹⁰⁰ O rei, então, decidiu libertá-la pois achou que essa seria a única alternativa de afastar a doença dos soldados devido ao medo da misticidade.¹⁰¹ Entretanto, substituiu sua “perda” (soltura de Criseida) à tomada da escrava de Aquiles (Briseida). Apaixonado e chateado, Aquiles é obrigado a ceder sua amante e, a partir deste fato, recusou-se a lutar.¹⁰² Nos combates que se sucederam, a sua ausência é notada. Assim, o moral troiano se elevou ao mesmo tempo que o grego degradou. Os gregos passaram a ter mais baixas sem a atuação de Aquiles.¹⁰³

3.4 Regressão à realidade

Com o objetivo de pôr fim a grave situação, sem muitas mortes, Páris provocou os gregos, desafiando os “mais valentes”, um a um, para uma luta singela.¹⁰⁴ O rei de Esparta, desejoso de reaver sua esposa, aceitou o desafio. Helena era o prêmio ao vencedor. Durante a

⁹⁷ Doença febril, contagiosa e mortal (HOMERO. *Iliada*, I, 330-333).

⁹⁸ O pai de Criseida foi apresentado como um “bruxo” (HOMERO. *Iliada*, I, 396).

⁹⁹ Essas pilhagens eram realizadas nas cidades vizinhas a Troia (HOMERO. *Iliada*, I, 113 e 320-338).

¹⁰⁰ HOMERO. *Iliada*, I, 35-50.

¹⁰¹ Um vaticinador (adivinho grego) disse que a o motivo da doença contagiosa que assolava o exército era Criseida e que a única maneira de acabar com a “febre” dos soldados era libertá-la. Amedrontado pelo “boato”, Agamenon a embarcou em um navio para que Ulisses a entregasse pessoalmente ao sacerdote para “salvar o exército” e pedi-lo que fosse removida a “peste que devorava os gregos” (HOMERO. *Iliada*, I, 76-396).

¹⁰² HOMERO. *Iliada*, I, 297-302.

¹⁰³ HOMERO. *Iliada*, XVI, 15-27.

¹⁰⁴ HOMERO. *Iliada*, III, 15-18.

luta, o príncipe troiano ao perceber que suas chances eram mínimas de vencer, abandonou a briga de maneira inesperada e correu fugido para as torres da cidade.¹⁰⁵ Agamenon, reclamou a vitória para seu irmão, mas foi ignorado pelos troianos.¹⁰⁶ A contenda permaneceu.

3.5 Miragem de Aquiles

Informado dos reveses dos gregos por Pátroclo, Aquiles, ainda inconformado devido ao desentendimento com o Agamenon por causa de Briseida, autoriza o pedido de seu amigo a usar sua armadura particular.¹⁰⁷ Na primeira oportunidade, Pátroclo vestido da referida armadura, lançou-se no combate. A aparente¹⁰⁸ presença do retorno de Aquiles permitiu elevar o moral do exército grego. Dessa forma, conseguiram uma relativa vantagem sobre os troianos. Embora orientado (previamente) por Aquiles para não se aproximar das muralhas, Pátroclo esqueceu-se. Heitor, ao ver a oportunidade de pôr fim ao líder guerreiro, circundou o ambiente caótico de combate para possibilitar sua aproximação do objetivo. Assim, entrou em combate com Pátroclo, matando-o. Entretanto, ao retirar o capacete do guerreiro caído, para sua decepção, percebeu que havia acabado de matar um “sósia” de Aquiles.¹⁰⁹

3.6 Nada mais importa

¹⁰⁵ HOMERO. *Iliada*, III, 242-335.

¹⁰⁶ HOMERO. *Iliada*, III, 389-394.

¹⁰⁷ As características da armadura eram únicas. O material utilizado e a sua forma ornamental chamavam a atenção, identificando-o imediatamente entre várias pessoas. Assim, não havia dúvidas que o usuário daquela palamenta seria Aquiles (HOMERO. *Iliada*, XVI, 15-54)

¹⁰⁸ A armadura emprestada somada ao comportamento combativo tornaram Pátroclo um sósia de Aquiles.

¹⁰⁹ HOMERO. *Iliada*, XVI, 729.

Ao tomar conhecimento da morte de seu amigo Pátroclo,¹¹⁰ Aquiles saiu do conforto do seu acampamento em busca de vingança. Na oportunidade, Agamenon e Aquiles se reconciliaram e Briseida é devolvida “imaculada”.¹¹¹ Sob uma intensa ira, Aquiles fere de morte todos os inimigos que tentaram detê-lo enquanto rumava em direção aos portões da fortaleza de Troia,¹¹² mas não consegue lutar contra Heitor.¹¹³ Em outra oportunidade, retornou aos muros e encontrou Heitor o aguardando para realizar acordos, porém todos estes convites foram recusados e o desafiou para um duelo mortal.¹¹⁴ Heitor, consciente de suas improváveis chances e de seu provável destino, despediu-se dos familiares.¹¹⁵ Com um misto de coragem, medo e orgulho, aceitou o desafio e foi morto aos olhos de todos. Aquiles, ainda insatisfeito, amarrou o corpo do príncipe pelos pés em um carro de guerra para exibi-lo como um troféu.¹¹⁶ Com a intenção de expor sua vitória, aproximou-se da cidade para mostrar o resultado da vingança. Assim a moral troiana foi abalada. Naquele momento ninguém mais o desafiou.¹¹⁷

3.7 Empatia com o inimigo

Passados alguns dias, Aquiles ainda conservava sob sua posse os despojos de Heitor como prêmio. Querendo despedir-se do filho em ritual religioso, Príamo abandonou a proteção e a segurança de sua cidade para contatar pessoalmente Aquiles, mesmo exposto ao risco de ser capturado ou morto por qualquer grego. Aquiles, ao receber Príamo em sua tenda

¹¹⁰ HOMERO. *Iliada*, XVIII, 1-29.

¹¹¹ HOMERO. *Iliada*, XIX, 135-147.

¹¹² HOMERO. *Iliada*, XX, 302-366.

¹¹³ HOMERO. *Iliada*, XX, 357-358.

¹¹⁴ HOMERO. *Iliada*, XXII, 204-217.

¹¹⁵ HOMERO. *Iliada*, XXII, 65-72.

¹¹⁶ Uma espécie de “biga”, uma plataforma de duas rodas puxada por cavalo. (HOMERO. *Iliada*, XXII, 321-323)

¹¹⁷ Dos muros da cidade, os troianos se contiveram em apenas observar. (HOMERO. *Iliada*, XXII, 325-385)

para a negociação,¹¹⁸ diferente da ira¹¹⁹ e do seu desejo iniciais,¹²⁰ sensibilizou-se¹²¹ com as feições¹²² e o argumento sensato do rei troiano. Este, comovido, permitiu que Príamo retornasse em segurança com o corpo de Heitor e o concede uma trégua temporária de dez dias para que fossem realizadas honras fúnebres.¹²³ Príamo, em seguida, agradeceu ao empático inimigo por esse favor.¹²⁴

3.8 Uma nova última oportunidade

Atendido o desejo pessoal de Príamo realizar o funeral do seu filho, os gregos tiveram uma expectativa de que ele fosse também empático à devolução da rainha de Esparta. Seria uma reciprocidade de favores, uma mitigação da rivalidade e talvez o fim do longo período de cerco. Um novo acordo é tentado diplomaticamente, todavia, Príamo se manteve irresoluto. Para resgatar Helena, os gregos teriam ainda que sobrepor a intacta muralha.¹²⁵

3.9 Estratagema ou presente? Conflito entre a racionalidade e a intuição

Idealizado por Ulisses,¹²⁶ sem a esperança de evoluir favoravelmente a

¹¹⁸ Em uma catarse emocional, Príamo chorou e implorou que fosse liberado o cadáver do seu filho o qual estava sob a posse de Aquiles já havia doze dias. Este guerreiro, em certo momento durante o acerto, se recordou do finado Pátroclo. Desta maneira, ambos os “inimigos” prantearam juntos (HOMERO. *Iliada*, XXIV, 165-407).

¹¹⁹ HOMERO. *Iliada*, XXIV, 315.

¹²⁰ Devolução do corpo de Heitor mediante recompensa (HOMERO. *Iliada*, XXIV, 108).

¹²¹ HOMERO. *Iliada*, XXIV, 410.

¹²² Aquiles alegou que Príamo teria as feições de seu “querido” pai (HOMERO. *Iliada*, XXIV, 297).

¹²³ Na ocasião, Príamo convocou seu povo para captar lenhas para realizar pira fúnebre de Heitor, pois Aquiles havia o prometido que no período de tréguas não haveria emboscadas (HOMERO. *Iliada*, XXIV, 539-638).

¹²⁴ Aberto um precedente, os gregos cobriam esse favor dado por Aquiles, a libertação de Helena (HOMERO. *Iliada*, XXIV, 533).

¹²⁵ TROIA..., 2004.

¹²⁶ Herói grego, personagem principal da obra de Homero denominada Odisseia. Ulisses (também chamado de Odisseu) foi narrado como um homem extremamente engenhoso, astuto e inteligente.

circunstância da guerra, os gregos realizam uma última estratégia, construir um gigantesco e maciço cavalo de madeira com o ventre oco sobre rodas. Feito o artefato – com um grupo de guerreiros homiziados em seu interior –, o largaram na praia. Em continuidade ao plano, os gregos embarcaram nos navios e simularam partida para a Grécia, ocasião em que aguardaram nas proximidades da Ilha de Tenedos¹²⁷ o desenrolar das ações troianas. Estes, logo encontraram o simulacro de madeira com a “altura de um monte”¹²⁸ junto a um grego abandonado, Sinon.¹²⁹ Desconfiados, foram ao acampamento grego e, aliviados, encontram a “praia nua”.¹³⁰ Diante da escultura, Laoconte¹³¹ discursou aos presentes e levantou a hipótese de o “brinde” ser uma armadilha grega. Relembrou aos troianos que Ulisses e os gregos – tal como Sinon – não eram confiáveis e que ele os temia.¹³² Em seguida, continua ferindo a barriga do cavalo com uma lança e extrai um gemido do seu interior.¹³³ Posteriormente, o religioso é acometido por uma morte trágica.¹³⁴ Ao acreditarem em parte nas “mentiras de Sinon” e convencidos de que o cavalo de madeira era uma oferenda aos deuses, os troianos imaginaram que poderiam subtrair para si as bênçãos divinas que seriam dadas aos gregos, caso levassem a escultura para dentro da cidade e assim foi feito. Ignoraram a evidência de Laoconte e quebraram partes do muro e do portão que protegiam a cidade para viabilizar a entrada da armadilha.¹³⁵ Enquanto o povo troiano aguardava sua chegada em festa, os gregos esperavam, porém, em prontidão. À noite, estando os troianos caídos no sono

¹²⁷ Localizada nas proximidades do Estreito de Dardanelos, à noroeste do Mar Egeu. (VIRGILIO. *Eneida*, II, 25)

¹²⁸ VIRGILIO. *Eneida*, II, 17.

¹²⁹ Um moço grego abandonado propositalmente para assomar-se à armadilha. Disse aos troianos ser afortunado e que deveria ser “sacrificado” para potencializar o poder da oferenda. Essa situação garantiria a viagem de retorno seguro aos gregos, mas o cavalo não poderia ser levado para dentro da cidade. Sinon não foi só “perdoado” por Príamo, como também “passou a ser um troiano” a partir daquele momento. Logo, foi desamarrado e libertado para poder viver como cidadão. Essa “confissão” teria um efeito diverso, ou seja, a verossimilhança da história de Sinon estimulou o desejo dos troianos de levar o estratagema para dentro da cidade para “roubar” o hipotético bom presságio. Esse episódio é conhecido como “as mentiras de Sinon”. (VIRGILIO. *Eneida*, II, 64-251)

¹³⁰ VIRGILIO, *Eneida*, II, 15-34.

¹³¹ A obra de Homero o retrata como “antiste”, um sumo sacerdote pagão. (HOMERO. *Eneida*, II, 205)

¹³² VIRGILIO. *Eneida*, II, 44-54.

¹³³ VIRGILIO. *Eneida*, II, 56-59.

¹³⁴ Foi morto por uma espécie de serpente. (VIRGILIO. *Eneida*, II, 207-234)

¹³⁵ VIRGILIO. *Eneida*, II, 239-244.

por causa do vinho,¹³⁶ Sinon fez um sinal com fogo de dentro das muralhas para os gregos que haviam retornado de Tenedos com os navios. Em seguida, ele abre o bojo do artefato, libertando a homiziada elite grega. Morto o vigia, abriram os portões da cidade para “incorporar “batalhões””.¹³⁷ Iniciavam-se os saques e a destruição.¹³⁸

3.10 Invencível, quase

Enquanto de um lado, os gregos lutavam pela vitória, do outro os troianos lutavam pela sobrevivência após a invasão grega. Aquiles gozava de uma invencibilidade¹³⁹ até aquele momento. Páris, escondido atrás de uma estátua e à distância, acerta Aquiles com uma flecha na única parte desprotegida, seu calcanhar direito, ferindo-o de morte.¹⁴⁰ Assim o mais importante guerreiro grego teve um destino diferente do esperado, foi morto em combate.

¹³⁶ Nesse dia festivo, bêbados, os troianos estariam dormindo profundamente. Entorpecidos, não notaram o abrir do portão, tampouco o aproximar grego da cidade e o entrar do exército em Troia (VIRGILIO. *Eneida*, II, 274).

¹³⁷ VIRGILIO. *Eneida*, II, 261-276.

¹³⁸ VIRGILIO. *Eneida*, II, 277-840.

¹³⁹ Homero, em um dos seus versos chama Aquiles de “invicto herói” (HOMERO. *Iliada*, XX, 407).

¹⁴⁰ Esse seria o único local vulnerável de Aquiles, sétimo filho de Nereida. Durante o seu “batismo” em águas que o tornariam “imortal”, Nereida o teria segurado pelo calcanhar. Logo, esse ponto teria ficado encoberto ao ser mergulhado (BRANDÃO, 1986, v. 1, p. 106-110).

4 APROXIMAÇÕES DA RACIONALIDADE

Neste tópico, serão examinadas as decisões de lideranças gregas e troianas contidas nas narrações do capítulo anterior sob a ótica dos conceitos explicados no capítulo 2, todos correlacionados à racionalidade. Ao identificarmos evidências de aproximações da racionalidade na história, explicaremos suas influências no processo decisório racional e, para enrobustecer o entendimento e os filtrar do estigma mítico, o abstrato, faremos as devidas aderências à realidade histórica como provas de ciclicidade na moldura temporal.

4.1 Coligação comercial entre cidades-estado gregas

Observaremos indícios de racionalidade quando Agamenon concebeu uma estratégia para enfrentar o distante entreposto comercial (Troia), cujo acesso seria viabilizado por mar. Dessa maneira, coligar as cidades-estado gregas foi a forma apropriada de levantar recursos materiais e humanos para sua força expedicionária. Em contrapartida, essas alianças tiveram uma promessa de receber espólios das riquezas. Logo, haveria uma justificativa econômica por trás do simples resgate de uma rainha. Já a concepção “colonial”, a captura do porto estratégico entre o mar mediterrâneo e o mar negro permitiria explorações comerciais e o avanço do império helênico na África e na Ásia. Assim, haveria uma racionalidade subliminar para atacar um parceiro comercial, um ideal apoderamento das suas riquezas¹⁴¹ após sua destruição.¹⁴²

Veremos que motivações econômicas (ocultas) são razões conectadas a guerras, tal qual a correlata ao assassinato do herdeiro do trono austro-húngaro, “estopim” da 1GM,

¹⁴¹ As pessoas comentavam que a cidade de Príamo era rica em ouro e bronze. (HOMERO. *Iliada*, XIX, 245-246)

¹⁴² BRANDÃO, 1986, v. 1, p. 99.

justificativa (leviana) para sua eclosão. Naquele momento, as principais potências europeias tentavam expandir seus domínios coloniais e seus mercados externos, ao mesmo tempo que acirravam disputas econômicas e racionalmente formavam alianças para um (futuro) risco conflituoso.¹⁴³

4.2 Preocupações para o assalto anfíbio em Troia

Tentaremos mergulhar nos processos decisórios de Agamenon sobre sua complexa chance de vitória mediante os riscos e os custos envolvidos nessa campanha. Em um processo lento e racional, haveria algumas dessas hipóteses, tais como cometer uma decisão falha, um “erro crasso”¹⁴⁴ por subestimar as intempéries, os imprevistos da natureza no mar¹⁴⁵ ou conquistar uma “vitória pírrica”.¹⁴⁶ Pior ainda seria obter uma “vitória cadmeana”¹⁴⁷ sobre Troia. Dessa forma, Agamenon, de maneira lógica e racional, buscou apoio das cidades-estado com o propósito de juntar um grande esforço de guerra em volume de guerreiros e embarcações para aumentar a probabilidade de vencer. É fato que esse

¹⁴³ Morte do Arquiduque Francisco Ferdinando por ocasião da sua visita a Sarajevo em 1914, hoje capital da Bósnia e Herzegovina (NAVARRO, 2018).

¹⁴⁴ Relativo ao colapso da campanha romana na Batalha de Carras, no ano 53 a. C., lideradas pelo Crasso. Rico e influente, conseguiu ter seu próprio exército, porém carecia de experiência militar. Embora assessorado, negligenciou-se da prudência ao realizar seu “próprio planejamento”: perdeu inúmeros homens, o próprio filho e a própria vida (ANDRE, 2019).

¹⁴⁵ A “invencível armada” espanhola no ano de 1588, durante a tentativa de invasão da Inglaterra, teve uma considerável parcela de seus navios avariada ou perdida no mar por causa de um temporal (PISSURNO, c2021a).

¹⁴⁶ Vitória obtida a alto preço, potencialmente com prejuízo irreparável. O rei Pirro do Épiro, primo de Alexandre “O Grande”, após ter vencido os romanos nas Batalhas de Heracleia (280 a. C) e de Ásculo (279 a. C) não teria comemorado a vitória, pois caso houvesse uma nova batalha (como as anteriores), tinha ciência de que estaria arruinado: ao contrário dos romanos, Pirro não tinha de onde recrutar novos homens para compor seu exército. Assim, tanto a cidade de Micenas, quanto as outras cidades-estados gregas estariam com suas respectivas proteções fragilizadas (SANTOS, 2021).

¹⁴⁷ Vitória catastrófica, que pressupõe efetiva ruína da entidade vitoriosa. Na mitologia grega, Cadmo, fundador da cidade de Tebas, teria comemorado sua vitória ao matar o dragão (já saciado de fome). Essa criatura protegia a “água de uma fonte divina”. Entretanto, tempos antes, Cadmo havia mandado os seus homens (que o ajudaria na colonização da terra) pegarem parte dessa “água divina”: nenhum retornou, foram devorados pelo monstro. Disponível em: <www.professorcadu.comunidades.net/curiosidades>. Acesso em: 06 jun. 2021.

atendimento contribuiu para a resiliência e a sustentabilidade militar ao longo de um período conflituoso e combativo de dez anos. De maneira racional, Agamenon solucionou a necessidade de provisão de recursos.

Ligaremos a história do supracitado evento que foi iniciado por uma operação anfíbia com o ocorrido na costa norte francesa em 6 de junho de 1944 – “Dia “D” – durante a Segunda Guerra Mundial (2GM). Nesse evento foram empregados mais de uma centena de milhares de homens, além de milhares de embarcações. Esse quantitativo foi racionalmente planejado pois se sabia que haveria muitas baixas tendo em vista a existência da “muralha do atlântico”.¹⁴⁸ Assim, os aliados – aliança composta de vários Estados – após juntar um grande volume de recursos materiais e humanos, de maneira idealizada, partiram do sul da Inglaterra (Reino Unido)¹⁴⁹ com um esforço de guerra expedicionário para sobrepor uma região ocupada e bem defendida por tropas, em sua maioria alemãs.¹⁵⁰

4.3 Provimientos logísticos em ambiente estrangeiro

Os saques autorizados por Agamenon às cidades vizinhas eram ações, indícios de racionalidade, que tinham como objetivo específico suportar todo o contingente do exército grego durante a guerra, assim se faziam necessários. Diferentemente do desfecho que ocorreu com a cidade de Troia, o genocídio¹⁵¹ de sua população, as cidades vizinhas à fortificação

¹⁴⁸ Linha de defesa costeira realizada pelos alemães que se estendia por cerca de dois mil e setecentos quilômetros, que iniciava na Espanha e continuava até o extremo norte da Noruega. Tinha o objetivo de impedir um eventual desembarque aliado no “continente europeu”, mas fracassou a partir de 1944 (MASON, 1974).

¹⁴⁹ O Reino Unido da Grã-Bretanha e Irlanda do Norte é um Estado insular composto pela Grã-Bretanha (ilha formada pelas nações Inglaterra, Escócia e País de Gales) e pela nação Irlanda do Norte, localizada na parte nordeste ilha irlandesa.

¹⁵⁰ Conhecido como “Operação *Overlord*”, esse evento permitiu a constituição de uma “ponta de lança” para a entrada das forças aliadas na Europa pelo norte da França. Após alguns meses, a Alemanha se renderia (MASON, 1974).

¹⁵¹ Tentativa de destruição total da etnia troiana. Talvez o conceito de holocausto troiano também fosse cabível. Em uma perspectiva extensiva, observamos recenticidade de tentativa de extermínio de povos por

teriam sido mantidas para prover subsistência do exército grego. Esse seria um modo racional “autossustentável” e parasitário de sobrevivência grega. Próximo à praia, ambiente estéril para cultivo, os gregos não produziam alimentos, apenas realizam guerra.¹⁵²

Nesse contexto de buscar apoio subsistente de localidades por onde o exército passava, observamos uma conexão histórica quando um dos principais generais napoleônicos, *Louis-Alexandre Berthier*, durante as campanhas militares, teria “idealizado” procedimentos de como se prover dos recursos dos territórios ocupados, desonerando um esforço logístico de manutenção do esforço de guerra.¹⁵³

4.4 Primeira identificação, iniciativa decisória

Heitor, de maneira ardilosa e racional, intencionado em eliminar o guerreiro Aquiles, permanecia de maneira sorrateira e habitual próximo às muralhas da cidade. Em uma oportunidade, conseguiu enxergá-lo no meio da confusão do combate.¹⁵⁴ Essa seria a chance. Observada a complexidade de realizar uma aproximação direta, circundou a confusão da batalha. Logo, ao encurtar a distância de “Aquiles”, tomou a iniciativa do ataque para ganhar um “fator surpresa” em um inevitável duelo para findar o centro de gravidade¹⁵⁵ moral grego.

Observamos uma conexão racional e história por ocasião da Batalha de

motivos econômicos ou étnicos também são atemporais. Um exemplo contemporâneo, o envolvimento conflituoso entre grupos indígenas e descendentes de europeus na América do Norte ao descobrirem ouro na região (PISSURNO, c2021b).

¹⁵² Não há na obra *Ilíada* de Homero qualquer menção de produção de alimentos por parte dos gregos.

¹⁵³ Disponível em inglês em: <https://www.napoleon-series.org/military-info/organization/c_staff1.html>. Acesso em: 06 jun. 2021.

¹⁵⁴ Na verdade, era Pátroclo, o qual portava os equipamentos pessoais de Aquiles naquele momento.

¹⁵⁵ O exército grego extraía das características pessoais de Aquiles a coragem e a força da vontade de lutar. Assim Aquiles era uma fonte de força e poder que, uma vez posto fora de ação, poderia “resultar no desmoronamento da estrutura de poder”. Os centros de gravidade existem em “todos os níveis de condução da guerra”, Aquiles era certamente um centro de gravidade moral. (BRASIL, 2017, p. A-6)

Tsushima¹⁵⁶. Na ocasião, em maio de 1905, uma frota naval russa (composta com mais de 30 navios) se aproximava do Japão pelo contorno do sul do Oceano Pacífico para combater a esquadra imperial japonesa. Atentos, em uma época que não havia sido inventado o radar, os japoneses observaram visualmente navios se aproximando. De maneira lógica¹⁵⁷ e racional, identificaram à distância que os navios os quais se acercavam da Ilha de Tsushima (localizada entre Coreia do Sul e o Japão) eram russos devido as suas características peculiares. Dessa forma, tomaram a iniciativa do ataque e surpreenderam os russos.

4.5 Aliança entre valor e a razão

Despedidas também podem ser indícios de racionalidade. Heitor ciente da sua carência de habilidade e técnicas de combate necessárias para sair vitorioso frente ao “invencível” Aquiles, sabia que não retornaria com vida. Com objetivo de manter sua honra em uma cultura guerreira, sabia que lutar seria um atestado de morte, uma espécie de eutanásia decisória. Decidido e de maneira voluntária, despediu-se de seus familiares, inclusive de sua esposa e filhos. Superou o possível medo advindo do viés intuitivo e não fugiu da luta. Da mesma forma que soldados que se expõem ao sacrifício da própria vida, observamos esse comportamento podem ocorrer em muitas forças armadas e instituições de segurança pelo mundo e ao longo dos séculos, ainda que inimigo possuísse uma contundente capacidade superior de letalidade.

¹⁵⁶ Batalha naval ocorrida entre os Impérios russo e o japonês em maio de 1905, próximo à ilha de Tsushima (entre o Japão e a Coreia do Sul). Considerada uma grande derrota russa foi relevante para o término da Guerra Russo-Japonesa e influenciou uma sublevação da insatisfação do povo russo que, naquele mesmo ano, realizou uma manifestação a qual foi mortalmente reprimida pelo governo. Esta ação brutal gerou a Revolução de 1905, “prelúdio” do fim do Czarismo russo em 1917 (Revolução Russa) (PINTO, c2021).

¹⁵⁷ Os Navios russos naquela época tinham padrões, características especiais que facilitavam sua identificação como sendo daquele Império no início do século XX. A mais realçada era sua pintura: os navios eram pintados de preto e suas chaminés eram pintadas de branco com uma listra negra. (Relatório do IT João Carlos da Silva Nogueira, Comandante da Canhoneira Limpopo, em 16 de dezembro de 1904). Disponível em: <ml.ci.uc.pt/mhonarchive/histport/msg16377.html>. Acesso em: 12 jun. 2021.

Conectaremos o acontecimento exposto acima ao evidenciarmos que, durante a 2GM, em meados de 1944, havia voluntários japoneses que decidiram racionalmente em participar como os *Kamikazes*.¹⁵⁸ Normalmente, recebiam a informação de sua participação na missão “suicida” na véspera da sua participação, pois havia mais voluntários que aviões. Sem a oportunidade de despedida pessoal, muitos deixavam “cartas póstumas” escritas, prontas para serem entregues a familiares caso fossem cumprir a missão “sem volta”. Ao contrário da possível imputação de ser um caso de fanatismo, não há imoralidade. Longe de ser uma atitude de desespero, é um ato de abnegação e lucidez.¹⁵⁹ Entre outros valores envolvidos, é um testamento de honra.¹⁶⁰

4.6 Montagem de um ardiloso cenário teatral

Constatamos evidências de racionalidade grega quando Ulisses, com o objetivo de iludir os troianos em uma última grande e lógica estratégia, pôs em ação o seu planejamento de construir um estratagema que seduzisse a religiosidade troiana. Assim, o artefato foi deixado na praia como um “sacrifício”¹⁶¹ junto a evidências de que os gregos haviam ido embora em definitivo. Armado esse palco teatral, era também necessário que os troianos levassem o artefato para dentro das muralhas e, em seguida, festejar. Sucedida a armadilha, os gregos adentraram a cidade e realizaram uma ofensiva surpresa enquanto o povo troiano dormia (bêbado). Nesse ambiente, vislumbramos a existência de uma tomada de decisão

¹⁵⁸ Pilotos voluntários que realizavam missões suicidas: seus próprios aviões eram usados como arma contra navios inimigos. Os *Kamikazes* (“vento divino” em japonês) não se ejetavam da aeronave.

¹⁵⁹ Até o século V, os líderes de poderosos clans eram enterrados com parentes: era enobrecedor, porém compulsório aos familiares. Havia essa cultura na Babilônia, Índia e China. Com a abolição dessa prática pelo rei japonês *Suinin*, essas pessoas foram substituídas por estátuas de terracota. No entanto, no Japão, a prática do *junshi*, o “acompanhamento” voluntário ao morto continuou (ARNT, 1994).

¹⁶⁰ ARNT, 1994.

¹⁶¹ *Sinon*, ardiloso e persuasivo jovem grego, alegou ser o “sacrifício” necessário para tornar emponderada a oferenda. Suas convincentes e coerentes “mentiras” salvaram sua vida, iludiram os troianos e permitiram que os gregos fossem vitoriosos na guerra, ele é a personificação do cavalo de Troia. (VIRGILIO. *Eneida*, II, 63-199)

planejada – valores e preferências de risco – e totalmente racional. Aproveitando-se das falhas da segurança orgânica em um momento pós festivo, o livre espião Sinon com seus atos de sabotagem contribuiu de maneira decisiva para que a cidade caísse pelo choque da racionalidade grega contra a intuição troiana.

Em face ao exposto, realizaremos duas conexões históricas complementares. A primeira, durante a 2GM, a inteligência britânica realizou um estratagema para iludir os alemães na Operação *Mincemeat*¹⁶² de modo a salvaguardar a Sicília¹⁶³ e dissimular que a Grécia seria o local de invasão. Como a razão do cavalo de Troia, o corpo deixado do suposto “Oficial inglês” foi o suficiente para que os alemães tomassem a “mentira” como uma verdade e deslocassem um importante contingente (indisponibilizado) de tropas para a Grécia, em detrimento do seu esforço de guerra em outras frentes. A segunda, durante o período colonial brasileiro, a muralha do Quilombo dos Palmares parecia inexpugnável após quase cem anos de fracassadas tentativas de sua tomada. Entretanto, na noite do ano de 1694, após duas semanas de conflito, foi percebido que uma sentinela quilombola havia dormido. Com essa falha de segurança, tomaram uma decisão racional aproveitando essa oportunidade. De modo consciente e sorrateiro, os caçadores empregaram paliçada¹⁶⁴ de madeira junto à muralha do quilombo. Assim, nele adentraram e o destruíram.¹⁶⁵

¹⁶² O submarino britânico HMS *Seraph* deixou um corpo à deriva e próximo à costa espanhola, o qual simulava ser de um oficial inglês devido a um acidente aéreo. Preso ao pulso desse corpo, havia uma maleta com falsos dados secretos que indicavam uma invasão aliada (desembarque) na Grécia. O cadáver teria sido devolvido com todos os pertences, incluindo os pessoais após os alemães tomarem conhecimento (PEREIRA, 2019).

¹⁶³ Maior ilha italiana, localizada no centro estratégico do mar Mediterrâneo, entre a Tunísia (África) e a Itália continental (Europa).

¹⁶⁴ Conjunto de estacas ou tábuas de diversos tamanhos e formas empregados em atividades estruturais, como passarelas e cercas de defesa.

¹⁶⁵ LADEIRA; AFFINI, 2016.

5 APROXIMAÇÕES DA INTUIÇÃO

Serão examinadas as decisões gregas e troianas contidas no sumo narrativo sob a ótica dos conceitos teóricos, todos correlacionados à intuição. Ao identificarmos evidências de heurísticas e vieses, em sequência cronológica dos acontecimentos inseridos no sumo histórico narrativo, clarificaremos suas influências nos processos decisórios. Para consolidar a compreensão e a associação à realidade, faremos as devidas aderências históricas como provas de ciclicidade temporal.

5.1 Um otimismo refém da incerteza

Observaremos indícios de vieses “otimistas” quando alguém superestima a sua futura tranquilidade. É provável, primeiramente, que Páris não imaginasse que não somente Esparta, mas toda uma coligação de cidades-estados gregas entraria em conflito com Troia devido ao sequestro de uma rainha. Em segundo, superestimou que sua cidade nunca seria tomada, pois confiava na – histórica – impenetrabilidade das muralhas da “netunina” Troia. Enviesado, julgou que o rapto ficaria incólume e Helena de Esparta, irresgatável. Sua crença inflada colidiu com a realidade. Achou que a situação estava sob controle e a sorte estava a seu favor. Subestimou o poder de um eventual subterfúgio e apreçou toda uma civilização.

Face ao exposto, faremos duas conexões históricas que se complementam, ambas ocorridas no período da 2GM. No período quando o expansionismo nipônico atingiu a Coreia do Sul, muitas adolescentes coreanas foram sequestradas dos seus respectivos seios familiares por “recrutadores” de maneira sumária e levadas para “estações de conforto” do exército. “Encasteladas” e sem perspectiva de fuga, essas mulheres só obtiveram liberdade após a

derrota japonesa. O otimismo japonês pela imputabilidade cessou e os crimes não ficaram impunes. Em tempo, entre diversos reveses sofridos pela diplomacia e a imagem japonesas, os crimes foram apreçados. Tiveram que pagar uma “compensação” de mais de oito milhões de dólares para as vítimas coreanas.¹⁶⁶ A outra conexão aditiva, os Aliados, com receio de haver tentativas de resgatar o líder fascista Benito Mussolini, preso em julho de 1943, realizaram diversas mudanças de seu paradeiro, mantendo-o preso por pouco tempo em cada local. Porém, em setembro daquele ano, Mussolini encontrava-se preso em um hotel¹⁶⁷ localizado em uma montanha da região de *Gran Sasso* (Itália central), cujo único acesso era viável somente por um teleférico. Viesados e otimistas, os aliados julgaram o local seguro e intransponível por outros meios, inclusive porque esse era protegido por cerca de 300 homens comandados por um General italiano. Os alemães, informados por espiões acerca do paradeiro de Mussolini, realizaram uma operação pouco convencional. Por meio de planadores, pousaram no alto da montanha, próximo ao hotel e conseguiram render os “carcereiros” de Mussolini, apesar da inferioridade numérica. Assim, o ditador italiano foi resgatado.¹⁶⁸ Enviesados, os aliados subestimaram o estratagema alemão.

5.2 Um por todos, todos por um

Notamos o indício de “raciocínio egocêntrico” quando há priorização de um resultado com base em interesse próprio e, então, justifica-se essa atitude preferencial com o apoio da justiça, cuja ponderação é viciada, ou seja, os parâmetros são alterados à revelia para creditar o ato como justo. O rei de Esparta fez uso do conceito abstrato de justiça pautado no

¹⁶⁶ A VIDA..., 2015.

¹⁶⁷ Hotel *Campo Imperatore*, situado nas encostas do Monte Portella, um importante resort de estação de esqui.

¹⁶⁸ WHITING, 1977.

desejo de recuperar sua esposa, pois o seu envolvimento emocional impediu sua imparcialidade. É provável que achasse que seu conceito de equidade fosse honesto, em que pese todos os recursos disponíveis deveriam apoiá-lo. Assim, serviu-se de sua posição política e consanguínea para influenciar – indiretamente – outras lideranças em uma missão expedicionária por meio de seu irmão Agamenon, após exaurida a diplomacia com os troianos.

Face ao exposto, faremos uma conexão temporal. O General Patton,¹⁶⁹ no auge de seu prestígio militar na primavera de 1945, ao tomar conhecimento da localização do seu genro John¹⁷⁰ ainda vivo (capturado pelos alemães) por meio de relatórios de inteligência, teria idealizado – de maneira enviesada – uma controversa operação militar – que em seu proveito – permitiria resgatá-lo em *Hammelburg* (Alemanha) em detrimento de outras missões importantes pela Europa. Foi um objetivo de natureza pessoal “particular e custoso”.¹⁷¹ Da mesma forma que ocorreu com Menelau, observamos que o egoísmo e a prevalência de se utilizar da própria posição político-social para direcionar o conceito de justiça enviesou Patton. Este, em sua percepção seletiva, julgou que estava certo até o fim de sua vida.

5.3 Herança cultural pagã?

Relembremos que a “ilusão de controle” ocorre quando alguém acredita que pode moderar circunstâncias e eventos incontroláveis. Isso nos leva ao apego a crenças

¹⁶⁹ Tenente-General George S. Patton, Comandante da Terceiro Exército norte-americano na 2GM.

¹⁷⁰ Tenente-Coronel John Knight Waters, capturado em 1943 durante os combates na Tunísia (norte da África).

¹⁷¹ Patton teria confidenciado (por correspondências) à sua esposa Beatrice que estava próximo de buscar seu genro John antes que ele fosse transferido daquela prisão para outra pelos alemães; esse evento considerado como desastroso foi a maior “perda única” da 40ª Divisão blindada norte-americana: entre mortos e desaparecidos, mais de 280 militares. Embora houvesse robustas provas, inclusive assim compreendidas por seus superiores, Patton nunca assumiu essa teoria. Disponível em inglês em: <<https://www.Historynet.com/a-fools-errand-pattons-flawed-mission.htm>>. Acesso em: 24 maio 2021.

supersticiosas muitas vezes inseridas em nossa própria cultura de maneira inconsciente. Naquela época pré-cristã, Agamenon, pagão, intuiu que o familiar sacrifício influenciaria seu destino favoravelmente contribuindo para salvaguardar tanto o sucesso da viagem expedicionária quanto da (futura) vitória sobre os troianos. Em outros termos, estava enviesado ao julgar que poderia controlar as intempéries naturais. Não há racionalidade nessa situação que relaciona sacrifício ao futuro. Estava iludido, foi sorte.

Hodiernamente, há apegos a crenças que se misturam com atividades julgadas como culturais. Por exemplo, conectamos histórias correlacionadas a construções de navios. É comum uma prática de quebrar garrafas de vinho nos cascos das embarcações antes de se fazer ao mar.¹⁷² Embora haja a perspectiva que defenda esse gesto como um aspecto exclusivamente cultural, não há uma correlação lógica de coligar a matéria (garrafa de champagne) ao tempo (acontecimento futuro), por exemplo. Essa atividade, em suma, é uma enviesada ilusão de controle. Assim não há como se desfazer da perspectiva de ser uma oblação, uma oferenda. Ressalvadas as devidas proporções, Agamenon acreditava nessa prática. Assim, tomemos o caso do submarino nuclear K-19.¹⁷³ Em 1959, após a ocorrência de vários acidentes de morte durante sua construção e contra a tradição naval, um homem foi escolhido para lançar a garrafa de champagne no dia do seu “batismo”: ao bater no casco do submarino, a garrafa além de não quebrar, teria “saltado”. A tripulação testemunhou este fato e iniciou o desenvolvimento de uma mística de que esse seria um mau presságio, haveria uma “maldição”. Tempos depois, descobriu-se graves problemas relativos a erros de projeto. Esse erro custaria a vida um grupo de engenheiros e de cerca de 27 militares por causa de

¹⁷² “Batismo do navio”. Culturalmente, o lançamento da garrafa no casco da embarcação é feito por uma mulher, apelidada de “madrinha”. Essa atividade tem por objetivo prover um bom presságio, sorte, ao meio naval em toda sua comissão operativa a partir daquele momento.

¹⁷³ Equipado com mísseis balísticos nucleares, foi projetado, construído e comissionado em plena “Guerra Fria” pela antiga ex-União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (ex-URSS). Foi o primeiro submarino da classe.

acidentes, todos a bordo do submarino.¹⁷⁴ Não há racionalidade nessa suposta “maldição”. A tripulação estava enviesada por conta da “quebra de tradição”. Longe de ser relacionado a um evento “incontrolável e predestinado”, nesse caso existia um problema, um grave erro de projeto naval que tardou ser assumido.

5.4 Uma culpada estigmatizada

Vamos ao encontro da heurística da “representatividade” quando realizamos julgamentos correlatos a informações representativas, estereótipos. Dessa forma, a confiança em um dado (boato) pode levar à falha decisória na avaliação de algo em um todo ou em parte, um quadro que pode concorrer para injustas e irracionais consequências discriminatórias. De um lado, o medo da propagação da “peste”, do outro, a inquietude do exército grego. A afirmação do boato pelo adivinho grego causou aflição generalizada. A culpa era a presença de Criseida. Aterrorizado, Agamenon acreditou no estigma, ignorou a dúvida e sequer buscou a verdade. Assim, devolveu-a a seu pai “religioso”. Pelo estereótipo martirizante, Criseida foi considerada uma fonte das doenças. Essa discriminação foi decorrente de uma heurística associada a representatividade de uma relação de bruxaria.

Por ocasião da Guerra Italiana,¹⁷⁵ conectamos com os argumentos supracitados, quando a cidade de Nápoles foi cercada por tropas francesas no ano de 1495. Mesmo com o reforço de tropas espanholas, a cidade não resistiu ao cerco. Nesse ínterim, as tropas francesas começaram a ser acometidas por uma “misteriosa doença” – sífilis – que teria sido transmitida pelas mulheres napolitanas. Essa doença, com o passar do tempo, espalhou-se pela Europa.

¹⁷⁴ Disponível em inglês em: <<https://www.warhistoryonline.com/cold-war/unlucky-soviet-nuclear-submarine-k-19.html>>. Acesso em: 14 jun. 2021.

¹⁷⁵ Ocorrida entre os anos 1494 e 1559, quando a região italiana estava fragmentada em estados independentes. Disponível em espanhol em: <<https://www.youtube.com/watch?v=VNGH-bSZ6P4>>. Acesso em: 17 jun. 2021.

Como na época a medicina era pouco desenvolvida, inicialmente essa chaga foi chamada “mal de Nápoles”. Já na Itália, ela foi estigmatizada como “mal francês”. A força desse estereótipo é – ainda – observada quando vemos sua citação em documentos atuais relativos à saúde.¹⁷⁶

5.5 Assimetria do coração

Lembremos que o indício de viés de “eventos ruins” é ligado a manifestação da negatividade, a sensação de perda pode causar uma assimetria no domínio social. A punição se origina pelo elo mais fraco da relação. Briseida era um ponto de referência emotivo de Aquiles, o que o levou a uma posição de retaliação¹⁷⁷ diante da imposição “injusta” da perda por parte de Agamenon, pois a mágoa resultou em falta de apoio ao rei. Por consequência, houve riscos de fracasso da campanha militar grega por uma decisão baseada em sentimentos, em especial, de um único prestigiado “vassalo”.

Contextualizaremos o evento acima em outra dimensão histórica. O Marechal Deodoro da Fonseca, herói da Guerra do Paraguai (1864-1870), seria monarquista convicto até novembro do ano de 1889. A promoção de seu desafeto, Gaspar Silveira Martins,¹⁷⁸ a Chefe do Gabinete dos Ministros pelo Imperador Dom Pedro II, teria contribuído para que o Marechal mudasse de decisão de maneira repentina e alterasse em definitivo o curso da história do Brasil. Em represália, o “vassalo” do imperador, enviesado, proclamou a República e estabeleceu um governo provisório. Consta que o Tribuno Gaspar teria vencido o Oficial Deodoro em uma disputa pessoal pela Baronesa do Triunfo, quando eram mais jovens.

¹⁷⁶ BRASIL, 2010, p. 14.

¹⁷⁷ Aquiles afirmou que Agamenon estaria “perdido pelo seu furor” e que ele não pensava “no presente e no futuro”. Dessa forma, depreendemos que a noção de egoísmo e suas consequências é milenar. O paternalismo do termo psicológico “viés do raciocínio egocêntrico” só apareceria no século XX, mais de três mil anos depois. (HOMERO. Iliada, XVI, 292-297)

¹⁷⁸ Político e magistrado gaúcho do final do século XIX.

Assim, uma retaliação sentimental transformaria o Brasil monárquico em república, uma assimetria decisória.¹⁷⁹

5.6 Da arrogância ao juízo

Recordemos que o indício de viés da “ilusão positiva” é uma espécie de otimismo em que nos “autovalorizamos”. Isso nos ajuda a enfrentar momentos difíceis. Entretanto, pode levar à arrogância e – simultaneamente – ao descuido. Páris, ao se posicionar de maneira confiante, seja na sua experiência ou na sua própria habilidade, alimentou-se de credibilidade como um grande guerreiro. Por outro lado, colocou-o em uma situação perigosa, pois momentaneamente intuiu que era melhor do que realmente era ao desafiar qualquer um dos gregos em duelo final: quase morreu. É comum que esse tipo de atitude nos leve à frustração à medida em que encontramos evidências de que nosso desempenho não é tão bom quanto pensávamos. No combate, um misto de frustração e ajuizamento dos indícios da sua inferior habilidade, de certa forma, permitiu que Páris se salvasse em tempo ao se dissociar desse viés.

Ao voltarmos nossa análise para a Guerra Fria (1947-1991) Notamos uma associação histórica com um fato denominado “Crise dos Mísseis” (outubro de 1962). O antagonismo entre os principais líderes dos dois blocos ideológicos¹⁸⁰ durante o período da Guerra Fria chegou ao ápice quando Nikita Khrushchev¹⁸¹ foi descoberto de suas pretensões de instalar uma base de mísseis com ogivas nucleares em Cuba, próximos aos Estados Unidos da América (EUA). Kennedy,¹⁸² de posse de dados de inteligência, obtidos por aviões-espiões, que comprovavam a existência de plataformas de lançamento na ilha cubana,

¹⁷⁹ A Baronesa era uma “bonita e elegante” fazendeira, filha do General Andrade Neves (GOMES, 2013, p. 136).

¹⁸⁰ De um lado, um bloco denominado capitalista ou ocidental; e do outro, bloco socialista ou do leste.

¹⁸¹ Líder da URSS em meados da metade do século XX.

¹⁸² John Fitzgerald Kennedy, presidente dos EUA entre os anos de 1961 e 1963.

determinou a realização de um bloqueio naval¹⁸³ e um embargo econômico de Cuba no dia 22.¹⁸⁴ Em consequência, Khrushchev teria enviado a Kennedy um “arrogante telegrama” dizendo que o embargo à Cuba equivaleria a uma declaração de guerra. Enviado, causou uma situação conflituosa nesse momento crítico. Após alguns dias do impasse, maturada as consequências dessa sua declaração, o líder soviético, da mesma forma que Páris, recuou de suas arrogantes intenções iniciais.¹⁸⁵ Esse comportamento descuidado por pouco não levou o seu país a um conflito.

5.7 Um viés dicotômico: ora desejável, ora indesejável

Quando recebemos estímulos que afetam nossos comportamentos e pensamentos, somos influenciados, mais do que queremos ou sabemos no ambiente do momento.¹⁸⁶ Esses são indícios de vieses oriundos de “efeito *priming*”. A presença de Aquiles no campo de batalha gerava efeitos semelhantes a lembretes nos guerreiros gregos: suas virtudes combativas foram evocadas e estimuladas nos comportamentos e atitudes dos soldados por um gatilho associativo inconsciente e individual, a compatibilidade. Por conseguinte, os soldados passaram a ter uma maior disposição de lutar, um aumento da autoconfiança baseada na coragem e na “invencibilidade” de Aquiles. Assim, Pátroclo, ao reaparecer como “sósia”, os exércitos gregos e troianos viram o retorno de Aquiles: de um lado o moral grego se eleva, ao passo que o dos troianos atenuam.¹⁸⁷ Os gregos se aproveitaram do contexto para causar mais baixas e adquirem vantagens no conflito. Embora o termo esteja inexistente, ou melhor,

¹⁸³ Operação naval que pode consistir em evitar que navios de qualquer nacionalidade e de maneira indiscriminada entrem ou saiam de específicos portos ou regiões do país alvo (BRASIL, 2017, p. A-20).

¹⁸⁴ BEZERRA, c2021.

¹⁸⁵ CORDEIRO, 2016.

¹⁸⁶ KAHNEMAN, 2011, p. 163.

¹⁸⁷ Ao avistarem o “sósia de Aquiles”, os inimigos, temerosos, chegam a fugir. (HOMERO. Iliada, XVI, 233-332)

“dissolvido”, nas obras Homéricas, essa consequência do “efeito *priming*” chamamos de “o moral” da tropa.

No decorrer de suas campanhas militares, Napoleão Bonaparte, ciente da importância da presença de uma liderança no campo de batalha, tinha o hábito de acompanhar os longos deslocamentos de sua “*La Grande Armée*”¹⁸⁸ em seus diversos embates na Europa.¹⁸⁹ Em relação ao moral dos soldados na História, esse é um exemplo de indício de que a presença de uma reconhecida liderança no campo de batalha, com naturalidade, é suficiente para enviesar comportamentos e atitudes dos soldados para um favorável resultado de batalhas.

5.8 Achei que fosse

Da nossa memória, a lembrança recente de associações coerentes está associada à heurística da “disponibilidade”. Como Heitor queria um embate com Aquiles, derivou das suas observações visuais a relação com a suas recordações das características armaduras privativas e do “modus operandi”¹⁹⁰ de Aquiles. Pátroclo, ao usar as vestes deste invicto grego aliado ao seu comportamento em combate se tornou um perfeito “dublê”, um sósia. Assim, Heitor lançou mão de sua heurística simplificadora que agiliza a percepção. A verossimilhança contribuiu para a confiança em sua decisão. Em uma armadilha mental, o encontro de Heitor e Pátroclo foi inevitável.

Há na história uma conexão quanto aos vieses perceptuais envolvendo “sósias”.

¹⁸⁸ Em francês, significa “O Grande Exército”. Era o exército imperial napoleônico, em cuja composição havia franceses e estrangeiros. Disponível em inglês em: <<https://www.napoleon.org/en/young-historians/napodoc/napoleons-grande-armee-1/>>. Acesso em: 15 jun. 2021.

¹⁸⁹ TOFFOLI, c2021.

¹⁹⁰ Em latim, significa modo peculiar de agir em certas situações.

Durante a 2GM, Leslie Howard¹⁹¹ estaria acompanhado de seu empresário Alfred Chenhalls¹⁹² no aeroporto de Lisboa,¹⁹³ cujo destino de seu avião seria a Inglaterra. Um espião alemão que ali estava, sabia que Winston Churchill¹⁹⁴ não estava na Inglaterra. Ao puxar uma “regra de bolso”, correlações coerentes entre o que estava vendo e a sua lembrança, inconscientemente confundiu as feições daquele empresário com as de Churchill. Essa compatibilidade gerou confiança em seu julgamento. Alfred e Churchill “eram praticamente sócias”. De maneira tempestiva, o espião fez chegar a sua constatação à *Luftwaffe*.¹⁹⁵ O avião civil que levava o ator e seu empresário foi abatido em voo por um caça alemão antes de chegar ao destino, Inglaterra. Não houve sobreviventes. Churchill estava na África naquele momento.¹⁹⁶

5.9 Uma arma psicológica enviesante

Notemos que os indícios de viés de “influência do estado emocional causados por emoções específicas” são os mesmos em diferentes culturas, tal qual o conjunto de emoções específicas como a raiva e o medo. Esses sentimentos são intrínsecos ao ser humano. Após a testemunhada vitória, Heitor é arrastado por Aquiles por meio de uma corda presa ao seu carro de combate. Essa intencional e vingativa exposição “da morte” à luz do dia aos arredores da muralha de Troia foi realizada para que os cidadãos, do alto desses muros, vissem a cena. Mais que uma mostra, o corpo puxado pelo terreno representava um aviso de que teriam o mesmo fim caso o desafiassem. Aterrorizados de maneira viesada, ninguém saiu do perímetro da cidade. De um lado Aquiles, cujo sentimento de raiva, embora seja uma emoção negativa, conectou-se a sentimentos de maior confiança e de poder. Do outro, as

¹⁹¹ Ator inglês, atuou como um dos protagonistas do filme norte-americano “O vento levou”, lançado em 1939.

¹⁹² Alfred T. Chenhalls. Como Churchill, era “corpulento” e gostava de fumar charutos.

¹⁹³ Capital portuguesa, cujo país havia adotado um posicionamento de neutralidade durante toda a guerra.

¹⁹⁴ Primeiro-Ministro britânico.

¹⁹⁵ Em alemão, significa Força Aérea Alemã (2GM).

¹⁹⁶ COSTA JUNIOR, 2019.

lideranças troianas e seu povo com sentimento de medo pela “arma enviesante” de Aquiles. O pavor de morte tornou a mente deles mais sensível ao risco, ocasião em o corpo busca se manter no conforto da segurança, dentro da cidade. Sem novos desafiantes, a arma psicológica teve uma dual influencia intuitiva. Apresentação de quem detinha o poder no “palco” e qual seria o destino dos seus desafetos.

O viés supracitado acometeu até conquistadores da Idade Média. Faremos conexão ao sultão turco Mehmed II.¹⁹⁷ A ele é creditado a conquista da cristã cidade de Constantinopla, sede do Império Romano do Oriente, no ano de 1453.¹⁹⁸ Assim ficou conhecido como “O Conquistador”. Oito anos depois, desejoso de avançar seus domínios, Mehmed inicia conquistas pela Europa, atravessa o rio Danúbio e encontra as terras governadas por Vlad III,¹⁹⁹ localizadas na atual Romênia. Com uma força muito superior à de Vlad, Mehmed, em seu avanço, encontraria em seu caminho cidades “arrasadas”,²⁰⁰ e um corredor de estacas com um odor repugnante, uma “floresta de empalados”²⁰¹. Enviesado pelo medo, naquele momento, o maior império da época desistia de avançar em direção pelas terras do Dracula.²⁰² Essa atividade pode ser considerada uma espécie de “Operação Psicológica”.²⁰³

¹⁹⁷ Também conhecido como Mohamed II, “O Conquistador”, antigo sultão do Império Turco Otomano.

¹⁹⁸ Essa conquista significou um divisor de períodos históricos, fim da Idade Média e início da Idade Moderna.

¹⁹⁹ Também conhecido em romeno como *Țepeș*, “O Empalador”.

²⁰⁰ Eliminava a possibilidade de os turcos otomanos obterem provisões para o volume de seu exército. Consistia em destruir tudo que pudesse ser utilizado a favor do inimigo. Disponível em: <<https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/almanaque/terra-arrasada-quando-desistir-e-melhor-opcao.phtml>>. Acesso em: 15 jun. 2021.

²⁰¹ Credita-se ao cronista grego *Khalkondyles* (século XV) que o exército imperial turco teria ficado amedrontado ao encontrar em seu caminho um corredor de três quilômetros de comprimento por um quilometro de largura com milhares de corpos humanos pendurados em estacas.

²⁰² O termo “drácula” em romeno significa “filho do dragão”, correlacionado à entidade “Ordem do Dragão”, a qual tinha por objetivos como defender a cristandade da ameaça turca. Vlad III era membro dessa seita. Disponível em: <<https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/reportagem/historia-quem-foi-vlad-o-empalador-conde-dracula.phtml>>. Acesso em: 15 jun. 2021.

²⁰³ Para a situação em lide, foi uma operação que compreendeu uma atividade militar e psicossocial para criar em grupo hostil emoção, atitude e comportamento favorável ao que se deseja. (BRASIL, 2017, p. A-23)

5.10 Quando o tempo compensa o risco

Vemos indícios de viés do “impacto das diferenças temporais” no comportamento de Príamo quando esse se envolveu na escolha de compensações entre o presente e o futuro. Para ele, o “querer presente” vale mais que o “dever póster”. Ao procrastinar a busca do corpo do seu filho para o funeral, correria o risco de ele deixar de subsistir. Assim, a perda seria incompensável no futuro, não haveria despedida. Enviesado, foi sozinho ao acampamento grego disposto a pagar o preço necessário, o risco de morte ou de ser ignorado por Aquiles.

No ápice da 2GM (1941), enviesado, Rudolf Hess²⁰⁴ teria embarcado sozinho em um avião e saltado de paraquedas na Escócia em “missão de paz”²⁰⁵ entre a Alemanha e o Reino Unido “sem o conhecimento”²⁰⁶ de Hitler. No auge da guerra, haveria uma maior possibilidade de realizar um acordo de paz favorável à Alemanha. O “querer” presente importava mais para Hess do que o seu “dever” futuro. Como um dos líderes alemães, para ele aquilo era o importante a fazer naquele momento. Durante seu interrogatório, constatou-se que Hess representava “somente a si mesmo”, o que reforça a hipótese de seu enviesamento. Sua tentativa “secreta e particular” foi um fracasso. Quanto ao risco exposto, diferente do sucesso do rei Príamo, Hess pagou o preço com a sua vida.²⁰⁷

²⁰⁴ Um dos líderes alemães na 2GM e sucessor de Adolf Hitler, após Herman Göring.

²⁰⁵ O cerne desse evento seria realizar um tratado de paz que evitasse o envolvimento da Alemanha em uma guerra com duas frentes, pois sabia que um embate contra os russos seria inevitável: em menos de um mês depois da tentativa de Hess, a Alemanha e URSS se enfrentaram.

²⁰⁶ Embora essa seja a história oficial, não há certeza. Hess nunca esclareceu esse episódio até sua morte.

²⁰⁷ Hess foi condenado a prisão perpétua por crime de guerra. Disponível em inglês em: <<https://www.historyplace.com/worldwar2/biographies/apr-hess-cal.htm>>. Acesso em: 10 jul. 2021.

5.11 Empatia com o inimigo

São percebidos indícios de heurística do “afeto” quando, normalmente, nossos julgamentos racionais são precedidos de uma avaliação afetiva ou emocional. Aquiles, em dado momento da negociação, foi influenciado pela empatia da figura “paterna” e sensatez do rei troiano. O ápice da afetividade ocorreu quando ambos, em ambiente de consternação, choraram juntos ao lembrar de maneira saudosa de seus respectivos falecidos entes. A dominância dos argumentos emocionais predominou. A convicção de Aquiles não foi absoluta. Ele cedeu ao pedido de Príamo de reaver o corpo de Heitor. Ao consultar a emoção, em vez da razão, desconsiderou inclusive seu inicial desejo de recompensa pela concessão.

A afetividade entre inimigos em guerra ocorreu ao longo da história. Durante o inverno na região de Ypres (Bélgica), no período natalino da 1GM (1914), militares das tropas britânicas e alemãs se encontraram e trocaram presentes na “terra de ninguém”²⁰⁸ sob a tutela de um comum espírito natalino. Nessa situação, ambos os lados deixaram de lado a racional conjuntura conflituosa e decidiram consultando a emoção. Nessa trégua inusitada, além de realizarem partidas de futebol, houve permissão de recolhimento de corpos de seus colegas mortos entre as trincheiras para prover coletivos enterros fúnebres.²⁰⁹ Após esse evento, a guerra entre ambos continuou, como o ocorrido entre Aquiles e Príamo cerca de mais de três mil anos antes.

5.12 Uma nova oportunidade de paz

Rememoremos que o indício de viés da “ilusão de Foco” é uma tendência em

²⁰⁸ Faixa de área não ocupada, inabitada e perigosa de morte, posicionada entre duas ou mais forças conflitantes.

²⁰⁹ O MILAGRE..., 2021.

focar excessivamente uma situação particular, manifestada como erros de previsão afetiva, que pode resultar em séria falha. Em consonância, os gregos souberam da concessão dada a Príamo por Aquiles e a sobrevalorizaram. Nessa altura da guerra, os gregos se iludiram ao julgarem uma futura retribuição do rei troiano, mas a devolução de Helena foi novamente negada. Houve um equívoco em antever o estado emocional de Príamo. Os gregos haviam desprezado os dados despercebidos. Não existia qualquer garantia de reciprocidade.

Faremos um elo histórico conectivo quando um ano antes da 2GM, em 1938, a Alemanha desejava anexar parcialmente o território da Tchecoslováquia. Com o objetivo de evitar uma nova guerra, houve concessão àquele país pelas potências europeias.²¹⁰ Assim, foi concebida uma ilusória esperança de que a “fome” alemã por territórios na Europa estivesse satisfeita. Esse episódio ficou conhecido como a “traição de Munique”.²¹¹ Os líderes franceses e ingleses estavam enviesados, pois sobrevalorizaram suas negociações. Eles focaram na previsão afetiva de Hitler e desprezaram as suas intenções “despercebidas”.²¹² No ano seguinte, Hitler continuou a realizar anexações.²¹³ A reciprocidade alemã foi ilusória.

5.13 Um sinal de fumaça ignorado

Encontramos evidências de heurística da “disponibilidade” no processo decisório de Laoconte. Alguns eventos são mais fáceis de serem lembrados por terem sido vistos (vivenciados) recentemente e acabam por transmitir uma ideia de ocorrência prioritária em

²¹⁰ Tratado de Munique. Quatro líderes das principais potências europeias (Alemanha, Itália, França e a Inglaterra) se reuniram na cidade de Munique (Alemanha) para um tratado de paz.

²¹¹ Conhecida também como a “Sentença de Munique”. A Inglaterra e a França eram aliadas da Tchecoslováquia, porém essas duas potências mundiais da época aceitaram que a Alemanha ocupasse parte daquele país.

²¹² Chamberlain, representante do Reino Unido, foi recebido com festa ao retornar para a Inglaterra após realizado o acordo. Enviesado em sua ilusão disse: “*Peace in our time*”, frase em inglês que significa “paz em nosso tempo”.

²¹³ A Alemanha ocuparia o restante da Tchecoslováquia e, posteriormente, invadiria a Polônia em 1939. Nesse ano, em consequência dessas invasões, foi deflagrada a 2GM. Disponível em: <<https://www.infoescola.com/historia/acordo-de-munique/>>. Acesso em: 13 jun. 2021.

detrimento de outros acontecimentos. Assim, desconfiado dos estratagemas dos gregos, ele não acreditou que o “presente” deixado na praia era de fato uma simples oferenda, mas sim uma armadilha elaborada. Não é surpresa que, em nossas memórias, as experiências recentes tenham um forte impacto, um apelo em nossas decisões. Nesses mesmos moldes, o recente sofrimento da guerra – vinculada à necessidade de proteção e segurança – recebeu mais peso na avaliação em comparação a um improvável e atípico achado, uma destacada escultura zoomórfica.²¹⁴ Embora possa nos levar a uma situação desastrosa, essa heurística pode ser benigna. Laocoonte acertou ao confiar em seu “atalho mental”. O artefato era um esconderijo.²¹⁵

Vislumbramos também a existência do indício de viés da “cegueira desatenta” por ser uma cegueira não intencional a informações óbvias. Há uma tendência de desperceber o que não estamos procurando, mesmo quando o nosso olhar está direcionado para um objeto. Dessa forma, os troianos ignoraram a informação disponibilizada no ambiente. Querendo enxergar o artefato como um ídolo, não levaram adiante a sugestão de queimá-la em uma fogueira²¹⁶ por conta da prova de Laocoonte, o qual apresentou uma prova²¹⁷ de que o cavalo de madeira poderia ser um estratagema. Além disso, a admiração à arte e à potencialidade de “furtar” os bons presságios gregos advindos da oferenda largada na praia teria ofuscado a evidente elucidação. Apegados de maneira parcial, seletiva²¹⁸ e enviesada das “mentiras de Sinon”, os troianos sequer deram atenção devida ao fato. Também não há como excluir Príamo da hipótese de não ter tido ciência do fato e da quebra parcial dos muros da cidade para a entrada da enorme escultura sobre rodas. O rei é o decisor, logo, estava viesado.

Enxergamos um liame histórico em relação às análises supracitadas no tocante ao

²¹⁴ Que possui forma de animal.

²¹⁵ VIRGILIO. *Eneida*, II, 49.

²¹⁶ VIRGILIO. *Eneida*, II, 40-41.

²¹⁷ Ao ferir o ventre do artefato com uma lança, um gemido do seu interior teria sido escutado pelos presentes.

²¹⁸ Algumas das fábulas originais de *Sinon* foram arrevesadas, invertidas de maneira intencional pelos troianos em seus próprios benefícios.

atentado ao *World Trade Center* nos EUA.²¹⁹ A *Central Intelligence Agency* (CIA)²²⁰ já havia realizado uma série de missões secretas à caça de Osama Bin Laden desde a década de 1990 devido a sua coautoria em outros diversos atos terroristas, como os ataques nas embaixadas norte-americanas da Tanzânia e do Quênia em 1998. Sabia-se que a *Al-Qaeda* e Bin Laden eram componentes do *Jihad*²²¹ mundial e os EUA seriam atacados. Embora a inteligência norte-americana dispusesse de dados que elementos terroristas estavam fazendo cursos de aviação nos EUA, nem todos os suspeitos e rumores foram investigados. As evidências que convergiam para um atentado não foram convincentes. As células do *Jihad* eram os cavalos de Troia dentro da “fortaleza” estatal norte-americana: prelúdio que levaria os EUA à “Guerra ao Terror” no futuro.²²²

5.14 A última comissão de Aquiles

No viés do “superposicionamento” temos a tendência a pensar que estamos acima dos outros em certas dimensões o que nos leva a competir para atestar nossas condições autoavaliadas como excepcionais. Aquiles era temido e considerado invencível. Sua armadura, seus reflexos e sua habilidade em combate o proveram dessa fama. Essa situação o fez intuir uma excessiva autoconfiança e um desprezo do acaso e da capacidade do inimigo em superá-lo. Enviesado, ele subestimou suas próprias limitações. Desconsiderou a possibilidade do inimigo o atacar à distância, em vez de um habitual duelo. Assim, distraído, foi atingido em seu calcanhar por uma flecha, um local desprotegido de seu corpo. Sua

²¹⁹ Evento ocorrido em 11 de setembro de 2001. Essa clarificação exclui a possibilidade de confundirmos com o atentado a bomba - também - no “*World Trade Center*”, em 1993. Esse terrorismo seria o “precursor” do conhecido “ataque às torres gêmeas” pelo grupo “*Al-Qaeda*”, na época liderado pelo saudita Osama Bin Laden. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=z1ZA_95AgGQ&t=201s>. Acesso em: 16 jun. 2021.

²²⁰ Em português, significa Agência Central de Inteligência.

²²¹ Palavra árabe que significa “luta” ou “esforço”; na religião islã significa “guerra de fé contra infiéis”.

²²² O QUE É..., 2014.

supremacia não resistiu.

Em relação ao exposto acima, na 2GM o encouraçado²²³ alemão *Bismarck* era especial. Foi o maior e o melhor navio de guerra construído até aquele momento. Bem armado e veloz, detinha a melhor tecnologia embarcada em um navio de guerra – era temido e tido como invencível. Sua presença no Atlântico era uma ameaça aos comboios aliados. Em sua primeira e última comissão no mar, após um bem-sucedido confronto contra a Esquadra Britânica,²²⁴ o *Bismarck* foi “caçado” pela Esquadra Britânica. Um avião biplano arremessado de um porta-aviões lançou um torpedo na água – como um dardo – em direção à parte traseira do *Bismarck* e conseguiu atingi-lo em sua parte extremamente vulnerável à ré: seu “calcanhar de Aquiles”, os lemes²²⁵ do navio. Esse incidente limitou a sua governabilidade: navegar em “círculos”, sem possibilidade de fugir. O superestimado navio alemão foi afundado dias depois.²²⁶ Como Aquiles, preparado para o combate corpo a corpo e abatido pelo poder de uma flecha, o *Bismarck*, preparado para confrontos entre navios, subestimou a capacidade de um avião de ataque, de um torpedo.

²²³ Qualidade que denota um design militar naval de um navio com grossas camadas de blindagem de proteção exterior, grandes deslocamentos (tonelagem) e poderosas armas de variados grossos calibres. Tanto o auge de emprego quanto obsolescência dessa concepção se deram ao longo da 2GM.

²²⁴ Foi destruído um importante navio da Marinha Real Britânica, o HMS (*Her Majesty Ship*) *Hood*.

²²⁵ Apesar do sucesso do reparo de um dos dois lemes pela própria tripulação, o leme esquerdo (bombordo) permaneceu travado em um ângulo fixo por causa da explosão de um torpedo: impossibilitado de conserto.

²²⁶ HUMBLE, 1974.

6 CONCLUSÃO

Esta pesquisa se propôs encontrar elementos que permitissem uma investigação da intuição e da racionalidade de selecionados processos decisórios ocorridos em um aprofundado estudo sobre a Guerra de Troia, diligência essa afastada da influência mitológica pagã. Também correlacionamos eventos dessa antiga batalha com ocorrências militares de interesse à Marinha do Brasil. Para a confecção deste projeto, elaboramos um desenho de pesquisa triangular que ligou a mitologia histórica à teoria e à realidade em nosso estudo de casos. O trabalho foi apresentado de maneira cronológica seguindo a sequência lógica dos fatos teóricos e históricos e foi estruturado em uma introdução, quatro capítulos e uma conclusão.

No segundo capítulo, foram apresentados os conceitos de racionalidade, heurísticas e vieses para compreendermos de maneira analítica a anatomia da decisão abrangida por essa pesquisa. No terceiro, foram selecionados e narrados dez episódios de maneira objetiva as decisões mais importantes – das principais lideranças gregas e troianas – as quais serviram de objetos de análise. No quarto, foram selecionados e examinados seis eventos correlacionados à aproximação da racionalidade, encontrados no capítulo 3 sob a ótica da teoria explicada no capítulo 2 e realizadas as correspondentes conexões históricas. No quinto, foram elegidas e examinadas quatorze ocorrências relativas à aproximação da intuição sob a ótica da teoria explicada no capítulo 2 e realizadas as devidas aderências históricas

Notamos que as conexões entre as narrações lendárias, as aplicações e análises teóricas (racionais e intuitivas) e os contextos históricos contribuíram sobremaneira para conciliarmos eventos da disputa à contemporaneidade. Dessa forma, emergimos extratos humanos reais, todos mergulhados em mitologias dos autores do passado. Essas correspondências do comportamento humano mitológico, sejam eles racionais ou intuitivos,

eclodem ativamente em uma perspectiva da moldura decisória cíclica e atemporal.

A narrativa da guerra de Troia, longe de ser uma foto, foi como um filme de informações: compreendemos que ciclicidade intuitiva é irresistível ao tempo e por ela se permeia. Apercebemos que nossas limitadas capacidades decisórias possuem “tendões de Aquiles” expostas a flechas intuitivas imprevisíveis, cujas contusões podem nos levar a um irremediável e inoportuno holocausto: a soberania do insucesso diante da tolerância ao erro.

Aprendemos que os insumos dos poetas históricos Homero e Virgílio não se esgotam ao longo do tempo e possuem características paradoxal e dicotômica: antigos e atuais; fontes de história e estudo de casos psicológicos. Todos estamos expostos ao imparável e permanente apelo da nossa intrínseca e indissociável essência – a natureza humana – que pode nos levar de maneira tendenciosa a armadilhas mentais em condições de incertezas ou a degradação da nossa razão.

A relevância dessa pesquisa é propor uma reflexão da necessidade de conhecimento dessas importantes ferramentas psicológicas que hão de reverberar em inevitáveis questões de tomadas de decisão, em especial, nas escolas de formação acadêmica. Esse caminho, sem dúvida, seria um sábio e seguro passo de investimento para melhor forjarmos os novos líderes que tomarão decisões em todos os níveis na Marinha. Mais que um aprendizado, esse caminho promove a identificação de ciladas mentais, a autoproteção contra vieses e, simultaneamente, um melhor e adequado assessoramento em ambientes de incerteza.

Por fim e com efeito, a compreensão dos fenômenos da racionalidade, heurísticas e vieses nos ajudarão a identificá-los em muitas ocasiões que concorrem a condições – imperativas – de necessidade de prospectar melhores escolhas em toda a nossa vida. Dessa forma, cientes da nossa perspectiva cognitiva da dimensão “mental” situacional, poderemos antever potenciais riscos de erros de julgamento e evitar que escolhas enviesadas degradem nossa decisão quando há lacunas em difusos níveis de conhecimento.

REFERÊNCIAS

- À PROCURA de Osama Bin Laden. Produtora executiva: Carol Williams. São Paulo: Clone, [2018]. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=z1ZA_95AgGQ&t=201s>. Acesso em: 15 jun. 2021.
- A VIDA das coreanas escravizadas por japoneses em bordéis militares durante a Segunda Guerra. *BBC News*, [s. l.], 28 dez. 2015. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/12/151228_escravas_sexuais_japao_rs>. Acesso em: 11 jun. 2021.
- ANDRE, E. *Batalha de Carras* - teriam as legiões romanas de Crasso ido parar na China. [S. l.]: Histórias de Roma, 03 out. 2019. Disponível em: <<https://historiasderoma.com/2019/10/03/batalha-de-carras-teriam-as-legioes-romanas-de-crasso-ido-parar-na-china/>>. Acesso em: 23 maio 2021.
- ARNT, R. Kamikaze: quando morrer era uma arma de guerra. *Super Interessante*, [s. l.], 30 set. 1994. Disponível em: <<https://super.abril.com.br/historia/kamikaze-quando-morrer-era-uma-arma-de-guerra/>>. Acesso em: 07 jun. 2021.
- BAZERMAN, M.; MOORE, D. *Processo decisório*. Tradução de Daniel Vieira. 8. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2014. 424 p.
- BEZERRA, J. *Crise dos mísseis*. [S. l.]: Toda Matéria, c2021. Disponível em: <<https://www.todamateria.com.br/crise-dos-misseis/>>. Acesso em: 06 jun. 2021.
- BRANDÃO, J. de S. *Mitologia grega*. Petrópolis: Vozes, 1986. v. 1.
- BRASIL. Estado Maior da Armada. EMA-305 - Doutrina Militar Naval. Mod. 1. ed. Brasília, 2017.
- _____. Ministério da Saúde. *Sífilis - Estratégias para diagnóstico no Brasil*. 1. ed. Brasília: Coordenação de Doenças Sexualmente Transmissíveis e Aids, 2010.
- BUDANOVIC, N. The unlucky soviet nuclear submarine K-19 nicknamed “Hiroshima”. *War History Online*, [s. l.], 30 jan. 2018. Disponível em: <<https://www.warhistoryonline.com/cold-war/unlucky-soviet-nuclear-submarine-k-19.html>>. Acesso em: 14 jun. 2021.
- CORDEIRO, T. 10 ocasiões em que a 3ª Guerra Mundial quase aconteceu. *Super Interessante*, [s. l.], 27 out. 2016. Disponível em: <<https://super.abril.com.br/mundo-estranho/10-ocasioes-em-que-a-3a-guerra-mundial-quase-aconteceu/>>. Acesso em: 06 jun. 2021.
- COSTA JUNIOR, I. Greene e Philby espionaram em Lisboa e ator de ...E o Vento Levou foi morto por alemães. *Jornal Opção*, 17 nov. 2019. Disponível em: <<https://www.jornalopcao.com.br/colunas-e-blogs/contraponto/greene-e-philby-espionaram-em-lisboa-e-ator-de-e-o-vento-levou-foi-morto-por-alemaes-220190/>>. Acesso em: 24 maio 2021.
- DELGADO, A. F. *Liderança: a arte de conduzir ao sucesso*. São Paulo: All Print Editora,

2012.

ENCARNAÇÃO, J. D. (jde@fl.uc.pt). *Um português obrigou a esquadra russa a cumprir suas ordens*. Mensagem recebida por histport@uc.pt em 14 dez. 2019. Disponível em: <ml.ci.uc.pt/mhonarchive/histport/msg16377.html>. Acesso em 12 jun. 2021.

FONDATION NAPOLEÓN. *Napoleon's 'Grande Armée'*. Fondation Napoléon. Disponível em: <https://www.napoleon.org/en/young-historians/napodoc/napoleons-grande-armee-1>. Acesso em: 15 jun. 2021.

FRANÇA, J. L. *et al. Manual para normalização de publicações técnico-científicas*. 8. ed. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2007.

GAVIN, P. *Hudolf Hess Biography: the history place*, 1996. Disponível em: <https://www.historyplace.com/worldwar2/biographies/apr-hess-cal.htm>. Acesso em: 10 jul. 2021.

GOMES, L. *1889: como um imperador cansado, um marechal vaidoso e um professor injustiçado contribuíram para o fim da Monarquia e Proclamação da República do Brasil*. 1. ed. São Paulo: Globo, 2013.

HOMERO. *Iliada*. Tradução de Manuel Odorico Mendes. 2. ed. São Paulo: Editora Martin Claret, 2003.

_____. *Odisséia*. Tradução de Manuel Odorico Mendes. 7. ed. São Paulo: Editora Martin Claret, 2002.

HUMBLE, R. *Marinha Alemã, a Esquadra de Alto-Mar*. Tradução Edmond Jorge. Rio de Janeiro: Editora Renes Ltda., 1974. (História Ilustrada da 2ª Guerra Mundial). (Armas, 3).

KAHNEMAN, D. *Rápido e devagar: duas formas de pensar*. Tradução de Cássio Arantes Leite. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011. 608 p.

KILEY, K. *The Grand Quartier-General Imperial and The Corps d'Armée Developments in the Military Art, 1795-1815*. [S. l.]: The Waterloo Association, 2001. Disponível em: <https://www.napoleon-series.org/military-info/organization/c_staff1.html>. Acesso em: 06 jun. 2021.

LADEIRA, C.; AFFINI, M. Quilombo dos palmares: cem anos de sonho. *Super Interessante*, [s. l.], 31 ago. 2016. Disponível em: <https://super.abril.com.br/historia/quilombo-dos-palmares-cem-anos-de-sonho/>. Acesso em: 08 jun. 2021.

LOPES, R. J. Vlad, o Empalador: o homem sanguinário que inspirou o Conde Drácula. *Aventuras na História*, [s. l.] 10 abr. 2020. Disponível em: <https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/reportagem/historia-quem-foi-vlad-o-empalador-conde-dracula.phtml>. Acesso em: 15 jun. 2021.

MARQUES JÚNIOR, M. *et al. Dicionário da Eneida, de Virgílio, As Errâncias de Eneias (718 Versos)*. [S. l.]: [s. n.], 2012. v. 3. p. 204.

MASON, D. *Normandia: do dia "D" à derrocada*. Tradução de Edmond Jorge. Rio de Janeiro: Editora Renes, 1974. 159 p. (História Ilustrada da 2ª Guerra Mundial) (Campanhas, 4).

NAVARRO, R. Por que a primeira guerra começou? *Super Interessante*, [s. l.], 04 jul. 2018. Disponível em: <<https://super.abril.com.br/mundo-estranho/por-que-a-primeira-guerra-comecou/>>. Acesso em: 05 jun. 2021.

NIDEROST, E. A fool's errand: patton's flawed mission. *HistoryNet*, [s. l.], 2006. Disponível em: <<https://www.historynet.com/a-fools-errand-pattons-flawed-mission.htm>>. Acesso em: 24 maio 2021.

O MILAGRE em que alemães e britânicos saíram das trincheiras para cantar juntos em plena guerra. *BBC News*, [s. l.], 07 maio 2021. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/geral-56292269>>. Acesso em: 14 jun. 2021.

O QUE É o jihadismo. *BBC News*, [s. l.], 14 dez. 2014. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/12/141211_jihadismo_entenda_cc>. Disponível em: 16 jun. 2021.

PEREIRA, J. Operação Mincemeat: quando Hitler foi enganado por um cadáver. *Aventuras na História*, [s. l.], 16 nov. 2019. Disponível em: <<https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/reportagem/operacao-mincemeat-quando-um-cadaver-enganou-hitler.phtml>>. Acesso em: 08 jun. 2021.

PINTO, T. dos S. *Batalha de Tsushima e a derrota naval russa*. [S. l.]: Brasil Escola, c2021. Disponível em: <<https://brasilecola.uol.com.br/guerras/batalha-tsushima-derrota-naval-russa.htm>>. Acesso em: 12 jun. 2021.

PISSURNO, F. P. *Genocídio Indígena nos EUA*. [S. l.]: InfoEscola, c2021b. Disponível em: <<https://www.infoescola.com/historia/genocidio-indigena-nos-eua/>>. Acesso em: 02 jul. 2021.

_____. *Invencível armada*. [S. l.]: InfoEscola, c2021a. Disponível em: <<https://www.infoescola.com/historia/invencivel-armada/>>. Acesso em: 06 jun. 2021.

Professor Cadu. Curiosidades. 2017. Disponível em: <www.professorcadu.comunidades.net/curiosidades>. Acesso em: 06 jun. 2021.

ROBERTO, L. 2 – A Origem da Logística – Âmbito Militar – 1600-1850. [S. l.]: Prof. Luiz Roberto, 2018. Disponível em: <<https://professorluizroberto.com/2-a-origem-da-logistica-ambito-militar/>>. Acesso em: 23 jun. 2021.

RODRIGUES, P. E. *Acordo de Monique*. [S. l.]: InfoEscola, c2021. Disponível em: <<https://www.infoescola.com/historia/acordo-de-munike/>>. Acesso em: 13 jun. 2021.

SANTOS, J. R. Ascensão e declínio do Rei Pirro, um dos maiores inimigos da Roma Antiga. *Aventuras na História*, São Paulo, 14 jul. 2020. Disponível em: <<https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/reportagem/primo-de-alexandre-o-grande-e-inimigo-de-roma-gloria-e-queda-do-general-pirro.phtml>>. Acesso em: 06 jun. 2021.

SOUSA, R. *O resgate de Mussolini*. [S. l.]: Brasil Escola, c2021. Disponível em: <<https://brasilecola.uol.com.br/guerras/o-resgate-mussolini.htm>>. Acesso em: 11 jun. 2021.

TOFFOLI, L. *Era Napoleônica*. [S. l.]: InfoEscola, c2021. Disponível em: <<https://www.infoescola.com/historia/era-napoleonica/>>. Acesso em: 06 jun. 2021.

TORTAMANO, C. Terra Arrasada: quando desistir é a melhor opção. *Aventura na História*, [s. l.], 29 nov. 2019. Disponível em: <<https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/almanaque/terra-arrasada-quando-desistir-e-melhor-opcao.phtml>>. Acesso em: 15 jun. 2021.

TROIA: a verdadeira história. Direção: Tim Baney. São Paulo: Marsh Mallow M, 2004. (53 min). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=2BxEXNyn4Ys&t=544s>>. Acesso em: 12 jul. 2021.

VIRGÍLIO. *Eneida*. Tradução de Manuel Odorico Mendes. São Paulo: Editora Martin Claret, 2004.

WEDIN, L. Capítulo 5. In: *Estratégias marítimas no século XXI: a contribuição do Almirante Castex*. Rio de Janeiro: Escola de Guerra Naval, 2015. p. 137-138. Disponível em: <<https://www.marinha.mil.br/egn/sites/www.marinha.mil.br.egn/files/wedin.pdf>>. Acesso em: 01 jul. 2021.

WHITING, C. *Skorzeny*. Tradução de Edmond Jorge. Rio de Janeiro: Renes, 1977. (História Ilustrada da 2ª Guerra Mundial). (Líderes, 18).